UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

EMANUELE DOS SANTOS

COMPORTAMENTO DE BUSCA DA INFORMAÇÃO DO MOVIMENTO CATADORAS DE MANGABA DE SERGIPE: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

SÃO CRISTOVÃO-SE
2021

EMANUELE DOS SANTOS

COMPORTAMENTO DE BUSCA DA INFORMAÇÃO DO MOVIMENTO CATADORAS DE MANGABA DE SERGIPE: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado ao Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Biblioteconomia e Documentação.

Orientador: Prof. Me. Fernando Bittencourt dos Santos

SÃO CRISTOVÃO-SE

2021

EMANUELE DOS SANTOS

COMPORTAMENTO DE BUSCA DA INFORMAÇÃO DO MOVIMENTO FEMINISTA CATADORAS DE MANGABA DE SERGIPE: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado ao Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Biblioteconomia e Documentação.

Orientador: Prof. Me. Fernando Bittencourt dos Santos

Nota:_____

Data de Apresentação:_____

BANCA EXAMINADORA

_____
Prof. Me. Fernando Bittencourt dos Santos
Universidade Federal de Sergipe
Orientador

_____
Prof. Dra. Janaina Ferreira Fialho Costa
Universidade Federal de Sergipe
Examinador Interno

_____
Prof. Dra. Jacqueline Aparecida de Souza
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Examinador Externo

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Santos, Emanuele dos
S237c Comportamento de busca da informação do movimento catadoras de mangaba de Sergipe [manuscrito] : um estudo exploratorio/ Emanuele dos Santos; – São Cristovão, 2021.
76 f.: il.

Orientação: Fernando Bittencourt dos Santos.
Trabalho de conclusão de curso (graduação em Biblioteconomia e Documentação) – Universidade Federal de Sergipe, 2021.

1. Biblioteconomia. 2. Serviços de informação - Estudo de usuários 3. Feminismo. 4. Ecofeminismo. I. Santos, Fernando Bittencourt dos (orient.). II. Título.

CDU 021.2

Ficha catalográfica elaborada por Pedro Santos Vasconcelos, bibliotecário, CRB- 5 1603

AGRADECIMENTOS

Aqui tentarei demonstrar a minha gratidão por todos aqueles que de alguma forma tiveram participação não só na construção do meu TCC, mas também na minha vida, contribuindo de alguma maneira para minha evolução.

Durante esses quatro anos de graduação, fiz muitas viagens a caminho da universidade sempre enfrentando o cansaço do dia a dia e muitas pessoas ajudaram a não desistir. Por esse motivo, gostaria de agradecer primeiramente aos meus pais, Maria de Lourdes e Manuel, e a minha irmã Daniele, por todo apoio em minha graduação, principalmente ao meu pai que esperava toda noite a minha chegada.

Aos meus pets, Julia, Lua, Milly e Maza, por tornar minha vida mais feliz a cada dia, principalmente a Maza, meu gato, que fez o papel de estar diariamente dormindo ao meu lado, enquanto eu me dedicava ao TCC.

As minhas amigas que conquistei na universidade, Lizandra, Edilaine, Joseane e Fernanda, pois, se não fosse o apoio delas não sei se conseguiria, principalmente a Lizandra, que compreendeu sempre meus dilemas. Essas mulheres deixaram a universidade mais leve, tornando cada noite de convivência única que nunca poderei esquecer.

Gostaria de agradecer aos meus colegas de turma, que tornavam a convivência em sala de aula melhor, principalmente a Tainar, que foi sempre uma boa companheira e parceira e Maria Clara que tem a melhor risada e transmite alegria onde passa.

Ao meu orientador Prof. Fernando Bittencourt dos Santos, pela dedicação e paciência nas orientações do trabalho de conclusão de curso, além da amizade e a compreensão.

As professoras Janaina Fialho e Jacqueline Souza pelas contribuições dadas ao TCC.

Aos meus amigos do ônibus, que tenho um grande carinho: Matheus, Thay, Kelly, Diego, Ivo, Ray, Sther e Narcelio, por fazer essa viagem longa se tornar curta, pois, cada ida à universidade se tornava uma fonte de alegria e de troca de experiências acadêmicas e pessoais.

As meninas do Movimento Catadoras de Mangaba de Sergipe, que ajudaram na realização dessa pesquisa, principalmente Patrícia Santos que foi tão atenciosa e participativa.

"Ninguém nasce mulher: torna-se mulher"

- Simone de Beauvoir

RESUMO

A busca da informação, tópico este inserido nos estudos sobre comportamento informacional, é uma atividade desempenhada por diferentes tipologias de usuários/as, estando presente nas mais variadas esferas individuais e coletivas, em diferentes espaços e contextos. Sendo assim, a presente pesquisa teve como objetivo principal a análise do comportamento de busca da informação por parte das integrantes do Movimento Catadoras de Mangaba de Sergipe. No que tange aos objetivos específicos: verificou-se o perfil dos usuários, seus hábitos de busca e uso da informação e as fontes tidas como fundamentais pelas integrantes do grupo. Caracteriza-se como um estudo exploratório, de abordagem quantitativa, sendo que os dados foram obtidos através da aplicação de um questionário contendo perguntas fechadas, semi-abertas e uma questão aberta. Constatou-se que as integrantes do movimento Catadoras de Mangaba de Sergipe em sua maioria utilizam a televisão como principal fonte de informação, seguido das mídias sociais, sites na internet e colegas do trabalho. Os assuntos de maior interesse das integrantes são referentes a culinária e cultura. Com relação as dificuldades na busca por informação, a maioria enfrenta dificuldades no que se refere a buscar a informação e encontrar o que precisa, entre outros aspectos do comportamento de busca que foram evidenciados. Espera-se que este estudo possa trazer significativas contribuições ao campo da Biblioteconomia e que suscite outras discussões sobre este tema.

Palavras-chave: Comportamento de busca. Estudos de usuários. Feminismo. Movimento Catadoras de Mangaba de Sergipe.

ABSTRACT

The search for information, a topic inserted in studies on information behavior, is an activity performed by different types of users, being present in the most varied individual and collective spheres, in different spaces and contexts. Therefore, the main objective of this research was to analyze the behavior of seeking information on the part of the members of the Movimento Catadoras de Mangaba de Sergipe. With regard to the specific objectives: the profile of users, their habits of seeking and using information and the sources considered fundamental by the members of the group were verified. It is characterized as an exploratory study, with a quantitative approach, and the data were obtained through the application of a questionnaire containing closed and semi-open questions and an open question. It was found that the members of the Movimento Catadoras de Mangaba de Sergipe mostly use television as their main source of information, followed by social media, internet sites and work colleagues. The subjects of greatest interest to the members are related to cuisine and culture. Regarding the difficulties in searching for information, most face difficulties with regard to seeking information and finding what they need, among other aspects of the search behavior that were highlighted. It is hoped that this study can bring significant contributions to the field of Librarianship and that it raises further discussions on this topic.

Keyword: Information behavior; Study of users; Feminism; Movimento Catadoras de Mangaba de Sergipe.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATD - Análise Textual Discursiva

BRAPCI - Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos

Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CCJ - Comissão de Constituição e Justiça

CI - Ciência da Informação

CRB - Concelho Regional de Biblioteconomia

CRMEB - Centro de Referência da Mulher “Ednalva Bezerra”

DF - Distrito Federal

DICIO - Dicionário Online de Português

ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação

INCTs - Institutos Nacionais de Ciência Tecnológica

LGBTQ+ - Lesbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer e outros grupos de gênero e sexualidade

LISA - Local Integrated System Architecture (Arquitetura de Sistema Integrada Localmente)

MCM - Movimento Catadoras de Mangaba

OPAC - On-line Public Access Catalog (Catálogo on-line de acesso público)

PAA - Programa de Aquisição de Alimentos

PNAE - Programa Nacional de Alimentação Escolar

PL - Projeto de Lei

PMDB-RJ - Partido Movimento Democrático Brasileiro – Rio de Janeiro

REF - Revista Estudos Feministas

SciElo - Scientific Electronic Library On-line (Biblioteca Cientifica Eletrônica On-line)

UE - Universidade Estadual

UF - Universidade Federal

UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFS - Universidade Federal de Sergipe

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 -	Faixa etária.....	51
GRÁFICO 2 -	Grau de instrução.....	52
GRÁFICO 3 -	Há quanto tempo trabalha no Movimento Catadoras de Mangaba de Sergipe?.....	53
GRÁFICO 4 -	Fontes de informação mais utilizadas	54
GRÁFICO 5 -	Assuntos de maior interesse na busca por informação.....	55
GRÁFICO 6 -	Uso de Bibliotecas para a busca de informação.....	56
GRÁFICO 7 -	Motivação para a busca de informação.....	57
GRÁFICO 8 -	Quando busca informação encontra o que precisa?.....	58
GRÁFICO 9 -	Dificuldades na busca por informação.....	59
GRÁFICO 10 -	Dificuldades de encontrar informação.....	60

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO.....**	10
2	**FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....**	14
2.1	**Estudos de usuários da informação: conceitos e características.....**	14
2.2	**Contexto histórico dos estudos de usuários da informação.....**	17
2.3	**Comportamento informacional: uma análise conceitual.....**	21
3	**FEMINISMO: aspectos gerais.....**	25
3.1	**O movimento feminista.....**	29
3.2	**Ecofeminismo.....**	32
4	**ABORDAGEM DA TEMÁTICA *FEMINISMO* NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: revisão da literatura.....**	34
5	**METODOLOGIA .....**	46
5.1	**O Movimento Catadoras de Mangaba de Sergipe.....**	47
6	**ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....**	50
7	**CONSIDERAÇÕES FINAIS.....**	61
	REFERÊNCIAS.....	64
	APÊNDICE.....	73

1 INTRODUÇÃO

A busca da informação é uma atividade desempenhada por diferentes tipologias de usuários/as, estando presente nas mais variadas esferas individuais e coletivas, em diferentes espaços e contextos, à exemplo dos grupos e coletivos feministas, onde a produção, busca, uso, avaliação e disseminação da informação podem se fazer presente.

Na Ciência da Informação (CI) existem poucos estudos que abordam assuntos relacionados a busca da informação por mulheres feministas, conforme pesquisa feita nas bases de dados (inter)nacionais da área. Sendo assim, considera-se que a forma que o gênero feminino, busca a informação é algo de relevância imperiosa, pois, é através do acesso à informação que as mulheres conseguem ter entendimento e consciência de seus direitos, participam de forma ativa das causas sociais, colocando-se em espaços de destaque e rompendo com as limitações presentes no cenário social que impedem o protagonismo feminino.

Há muito tempo a mulher luta pela igualdade de gênero e, a passos lentos, essa igualdade vem tomando notoriedade, embora se tenha um longo caminho a seguir e grandes barreiras a serem enfrentadas, pois, vivemos em uma sociedade machista, misógina e com a prevalência do patriarcado, à exemplo da sociedade brasileira. A luta por direitos sociais, quebra de tabus, conquista da liberdade de expressão como cidadãs, combate a todas as formas de assédio ou violência, o direito ao aborto, são também temas que fazem parte da pauta dos movimentos feministas, sendo este um movimento social, político e econômico.

Outrossim, aspectos como as desvantagens e desvalorização feminina no mercado de trabalho, - à exemplo da desigualdade salarial, - em relação ao homem, onde isso se dá, não pela competência, formação ou qualquer eventualidade que caracterize questões relacionadas ao mérito profissional, mas apenas pelo fato de ser mulher, fato esse apontado e evidenciado em círculos de debates dentro e fora do espaço acadêmico.

A busca das mulheres, sejam elas cisgênero ou transgênero, por um espaço justo e de oportunidades igualitárias na sociedade, são alguns dos aspectos que caracterizam o movimento feminista, - movimento esse criado no século XIX, onde abrange teorias sociais ancoradas em áreas como a Sociologia, - e compete trazer à realidade muito mais que espaços de fala e conquista por igualdade. Compete

também o reconhecimento da mulher como portadora de direitos e deveres como qualquer outro cidadão, sejam no ambiente familiar ou nos espaços de trabalho.

O Movimento Catadoras de Mangaba de Sergipe é composto por mulheres, em sua maioria negras, que fazem o extrativismo da mangaba, sendo esta atividade passada de geração para geração. O movimento também apresenta uma associação, onde as catadoras estão inseridas, com o intuito de protegerem os seus respectivos direitos trabalhistas. As mesmas, além de venderem a fruta *in natura*, fabricam produtos derivados da mesma, sendo estas atividades fundamentais para a manutenção financeira de várias famílias.

Parte-se do pressuposto, esta pesquisa apresenta como objetivo geral: caracterizar o comportamento de busca da informação de mulheres do Movimento Catadoras de Mangaba de Sergipe. No que se refere aos objetivos específicos, pretende-se delinear o perfil das mulheres do grupo, analisar as dificuldades na busca da informação e identificar as fontes de informação consideradas fundamentais pelas integrantes do grupo citado.

Deste modo, esta pesquisa levanta a seguinte questão de pesquisa: como se caracteriza a busca de informação do Movimento Catadoras de Mangaba de Sergipe?

Parte-se da hipótese que a busca da informação ocorre com maior frequência nos canais informais de comunicação, em comparação com os canais formais. Assim, estes canais podem ser as fontes mais utilizadas para a troca de informação no contexto laboral do grupo. Mediante o cenário de limitações em relação à liberdade feminina, algo construído historicamente e, infelizmente, ainda presente na sociedade contemporânea, principalmente no que se refere à igualdade e equidade de gênero propriamente ditas, as redes sociais viabilizaram a transferência da informação e construção de conhecimento por e para mulheres, como também otimizaram o fluxo informacional entre diferentes grupos sociais.

A expansão dos estudos do comportamento de busca da informação no âmbito da comunidade científica estabelece uma das motivações que justificam o *Porquê*? desta pesquisa ser realizada, ou seja, remetendo a importância do trabalho na Ciência da Informação, sendo uma temática de pesquisa consagrada nesta área de escopo. Dessa maneira, o primeiro contato desta pesquisadora com o tema, foi na disciplina Serviço de Informação e Referência, do curso de Biblioteconomia e Documentação da UFS (Universidade Federal de Sergipe), na qual, o regente desta, apresentou e

discutiu dois textos sobre o movimento feminista. O primeiro[1] abordando o *Movimento Feminista Punk Riot Grrrl* e o segundo[2] sobre Feminismo 2.0 e sua importância no que tange o combate ao assédio sexual através da troca de informações nas mídias sociais.

Ademais, afere-se a importância social do tema, em decorrência da problemática de configuração de uma sociedade alinhada historicamente ao patriarcado, convergente a valores que, muitas vezes caminham na direção oposta aos direitos equânimes entre mulheres e homens. Essas questões estão relacionadas diretamente aos estudos de gênero, diversidade e empoderamento feminino. Importante ainda frisar que o (a) profissional bibliotecário (a) deve estar na vanguarda das discussões e práticas relacionadas ao feminismo, de forma a demonstrar o compromisso social que tem com a sociedade civil, no seu efetivo exercício da cidadania.

Outro aspecto que justifica o desenvolvimento da pesquisa em tela é o número escasso de publicações científicas sobre o tema, - especificamente sobre estudos de usuários da informação -, em detrimento de outras temáticas trabalhadas de forma mais frequente na C.I, fato este identificado através da busca e recuperação de artigos e demais publicações (dissertações, teses e livros) em bases de dados (inter)nacionais da área. Sendo assim, esta pesquisa tem a pretensão de apresentar um contributo para a área da Biblioteconomia e Documentação e particularmente para o eixo temático: *Comportamento informacional*.

Este relatório de pesquisa está estruturado em sete seções, incluindo a introdução, na qual nesta última é apresentado o tema e demais elementos da pesquisa, além da contextualização e problemáticas ancoradas ao assunto em tela.

No capítulo 2, *Fundamentação teórica*, são apresentados os aspectos teórico-conceituais dos estudos de usuários da informação, bem como a gênese e

---

[1]SANTINI, R. M.; TERRA, C.; ALMEIDA, A. R. D. Feminismo 2.0: a mobilização das mulheres no brasil contra o assédio sexual através das mídias sociais (#primeiroassedio). **Revista P2P e INOVAÇÃO**, v. 3, n. 1, p. 148-164, 2016. DOI: 10.21721/p2p.2016v3n1.p148-164. Acesso em: 17 out. 2020.

[2]CASTRO, K. L.; CASTRO, J. L.; OLIVEIRA, A. N. A moda como objeto de informação: o caso do Movimento Feminista Punk Riot Grrrl. **AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento**, v. 4, n. 1, p. 24-33, 2015. DOI: 10.5380/atoz.v4i1.41762. Acesso em: 17 out. 2020.

evolução desses estudos. Aspectos conceituais sobre o comportamento de busca de informação também são apresentados nesta seção.

No capítulo 3, *Feminismo: aspectos gerais*, é feita uma contextualização histórica da luta das mulheres e, dissertado sobre o conceito de feminismo, sua origem e também é apresentado as três ondas do movimento feminista. Apresenta ainda aspectos relacionados à violência contra mulher e o feminicídio, onde também mencionamos algumas bibliotecas voltadas para a temática do feminismo.

No capítulo 4, *Abordagem da temática feminismo na Ciência da Informação: revisão da literatura*, apresentamos alguns trabalhos da área da C.I, com suas temáticas relacionadas às mulheres.

No capítulo 5, apresentamos os procedimentos metodológicos para se alcançar os objetivos desta pesquisa. Nele é apresentado, as etapas da pesquisa em tela, com a apresentação das tipologias de estudo, além dos procedimentos de coletas de dados e os sujeitos da pesquisa.

No capítulo 6, *análise e discussão dos resultados*, apresentamos os resultados da pesquisa sobre o comportamento informacional das catadoras de mangaba do estado de Sergipe.

Desta maneira, este trabalho tem a pretensão de contribuir para o campo de estudos do tópico de pesquisa *Comportamento informacional*, buscando assim compreender como se caracteriza a busca das catadoras de mangaba do estado de Sergipe, de forma a servir como referência para pesquisas futuras relacionadas a este eixo de pesquisa consolidado da Ciência da Informação.

Diante do que foi apresentado, a pesquisa em tela está vinculada à linha de pesquisa 2 – Informação e Sociedade, do Curso de Biblioteconomia e Documentação da UFS, no eixo temático 4 – *Comportamento informacional*.

Na seção a seguir, apresentaremos o capítulo da fundamentação teórica desta pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção serão abordados alguns aspectos teórico-conceituais sobre os estudos de usuários da informação/comportamento informacional e o subtópico comportamento de busca da informação, bem como serão apresentados alguns trabalhos relacionados à temática do feminismo no escopo da Ciência da Informação e algumas bibliotecas temáticas sobre o assunto *Feminismo*.

2.1 Estudos de usuários da informação: conceitos e características

Em uma unidade de informação o usuário é a razão para o funcionamento da mesma. Pois, o trabalho do (a) bibliotecário (a) é realizado para a satisfação dos (as) usuários (as), sendo desempenhado em qualquer unidade de informação, seja ela biblioteca pública, especializada, universitária ou em arquivos, por exemplo. O (A) usuário (a) é a base da existência desses equipamentos culturais, e, por este motivo, os estudos de usuários da informação devem ser realizados com o intuito do (a) bibliotecário/a ter o conhecimento necessário das necessidades de informação dos usuários(as).

De acordo com Figueiredo (1994, p.7), uma das pesquisadoras pioneiras nesse campo de pesquisa:

> Estudos de usuários são investigações que se fazem para saber o que os indivíduos precisam em termos de informação, ou então, para saber se as necessidades de informação por parte dos usuários de uma biblioteca ou de um centro de informação estão sendo satisfeitas de maneira adequada.

Os estudos de usuários da informação têm como um dos objetivos a compreensão de como funciona o comportamento de busca da informação pelo usuário. Ele se constitui em compreender as características principais do interagente, com o intuito de atender as necessidades de busca da informação.

De acordo com Nascimento (2011, p.46):

> Os estudos de usuário da informação entrelaçam necessidades de informação, hábitos de busca e uso da informação com o fluxo da informação científica e tecnológica, com as tecnologias da informação, e com dados e informações que suprem as carências informacionais de especialistas e do cidadão comum.

Os estudos de usuários ainda apresentam a finalidade de compreender quais são as necessidades informacionais do mesmo, sendo que para isso é feita uma investigação do comportamento de busca, as preferências informacionais, de modo que se satisfaçam essas necessidades.

De acordo com Costa (2018, p. 24):

> O usuário de uma unidade informacional tem características próprias e necessidade de informação diferenciada. Desse modo, se faz necessário conhecê-lo para saber o que ele espera com o atendimento informacional a ele dispensado e, o quanto essa disseminação de informação contribui em suas necessidades e expectativas.

Nas unidades de informação existem diferentes tipos de usuários e entre eles estão os usuários reais, os potenciais e os não-usuários. Os usuários reais são aqueles que utilizam as unidades de informação, já os potencias são os que poderão vir a utilizar o sistema de informação e os não-usuários são os que desconhecem os produtos e serviços de uma unidade de informação. De acordo com Dias e Pires (2004) os não-usuários são aqueles que não estão cientes dos serviços de informação, não tem acesso a eles, não sabem como usá-los, não tem confiança ou aqueles que não sabem que precisam de informação.

De acordo com Lança (2018, p. 43):

> Os usuários podem ser reais, ou seja, os que efetivamente utilizam os espaços e serviços da unidade de informação, ou potenciais. Os usuários potenciais são os que podem utilizar os serviços, encaixam-se no perfil de usuários de determinada unidade de informação, mas ainda não os utilizam. Sendo assim, além de levar em conta as necessidades e preferências dos usuários reais, também é muito importante obter dados dos usuários potenciais, para que possamos transformá-los em usuários reais.

De acordo com Cunha e Cavalcanti (2008, p. 373) usuário é “pessoa que utiliza os serviços da biblioteca no próprio local ou por meio da retirada de documentos por empréstimo, ou pela solicitação, entre outros serviços” [...]. Na Biblioteconomia existem terminologias para se referir ao usuário, como, por exemplo: cliente, interagente e utilizador. O termo mais comum que é utilizado é **usuário**, já que o termo **cliente** se aplica mais em áreas como o Marketing. O termo **interagente** é um termo não habitual de se usar e **utilizador** também é de pouca frequência de uso, sendo que este último é comum sua utilização em Portugal.

O usuário é a razão da existência de uma unidade de informação. Para Corrêa (2014, p. 27) **“**é aquele que usa a biblioteca, seus recursos de informação, ou quaisquer que sejam os serviços que estiverem disponíveis nesse ambiente”. Todos os processos desenvolvidos em uma unidade de informação apresentam o foco no usuário e a satisfação das necessidades informacionais deste último, e para a efetividade desses processos, são realizados estudos de usuários da informação.

O termo cliente é usado na Biblioteconomia para se referir ao usuário, porém não é algo muito utilizado na área. Para Cunha e Cavalcanti (2008, p.87) cliente é o “usuário que deve pagar diretamente pelos serviços ou produtos da unidade de

informação". Já o termo interagente é algo novo na Biblioteconomia. Para Primo (2005, p.2) "o termo interagente" (uma tradução livre de *interactant*, não raro utilizado em pesquisas de comunicação interpessoal), que emana a própria ideia de interação".

No campo das pesquisas de estudos de usuários da informação, existem os pilares de pesquisa que são: busca, acesso, necessidade de informação, avaliação e uso. A necessidade de informação é o ponto inicial que faz o usuário buscar a unidade de informação que, por sinal, é a partir desse momento onde a busca é iniciada permitindo acesso ao conhecimento, para posterior avaliação, podendo ocorrer ou não a disseminação da informação. A busca da informação é o processo que inicia a tentativa do usuário de satisfazer suas necessidades de informação. De acordo com Cunha e Cavalcanti (2008, p. 59) busca é o "processo que consiste em situar a informação numa tabela ou arquivo por referência a um campo especial de cada registro, denominado chave. O objetivo da busca é descobrir um registro com determinada chave".

Para Wilson (2000, apud SILVEIRA; ODDONE, 2007, p. 121), "a busca informacional consiste na tentativa intencional de encontrar informações como consequência da necessidade de satisfazer um objetivo" sendo que através da busca o indivíduo tem acesso ao conhecimento, podendo interagir com vários tipos de sistemas de informação.

O acesso à informação é o que torna possível a obtenção do conhecimento pelo usuário. Para Cunha e Cavalcanti (2008, p.2) acesso corresponde aos "métodos ou meios que tornam possível a pesquisa e o encontro de determinado item, ou assunto." Através nessa chegada ao documento, o indivíduo obtém o conhecimento necessário para a sua busca. No Brasil existe a Lei de Acesso à Informação (LAI), que permite o contato com a informação pública de qualquer pessoa, seja física ou jurídica, podendo consultar informações. Esta lei foi promulgada em 18 de novembro de 2011.

Necessidade de informação é que torna possível a obtenção de conhecimento pelo indivíduo, pois, a partir dessa necessidade que começa o processo de busca. Para Cunha e Cavalcanti (2008, p. 257) necessidade de informação é "Informação necessária ao desempenho adequado das atividades de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos." As necessidades informacionais vão além das formuladas pelos usuários, pois incluem as necessidades não formuladas e as necessidades futuras.

Avaliação consiste em analisar os documentos com a finalidade de selecionar o que será efetivamente usado ou não. Para Cunha e Cavalcanti (2008, p. 40)

avaliação é a “análise de um conjunto de documentos, com a intenção de selecionar os que devem ser separados para conservação daqueles destinados à eliminação.” Ela é feita com o intuito de organizar a documentação. Já a disseminação da informação é tornar público o conhecimento produzido. Para Cunha e Cavalcanti (2008, p.130) é a “[...] difusão de informações ou documento distribuídos a pessoas, ou entidades a partir de um ponto central de armazenamento [...]” generalizando opiniões e transmitindo o conhecimento.

O uso da informação está relacionado a uma necessidade ou desejo do indivíduo, sendo este desejo ou necessidade suprido e estando convergente ao que o usuário procura. De acordo com Figueiredo (1994, p.35), “uso é o que o indivíduo realmente utiliza efetivamente. O uso, segundo a referida autora, pode ser uma demanda satisfeita ou pode ser o resultado de uma leitura casual (*browsing*) ou acidental [...]”.

2.2 Contexto histórico dos estudos de usuários da informação

Historicamente o primeiro estudo de usuários em bibliotecas públicas começou na década de 30, realizado por bibliotecários associados aos docentes da Escola de Biblioteconomia da Universidade de Chicago. Os autores como Figueiredo (1994) e Araújo (2012) diz que os primeiros estudos estavam voltados ao hábito de leitura, fontes de informações utilizadas, as frequências dos usos de serviços oferecidos pelas bibliotecas. Porém, esse estudo sofreu algumas críticas de como a pesquisa foi realizada, sendo que uma das principais críticas foi a de que o hábito de leitura foi considerado como uma ação isolada, comparada a outras atividades do leitor, além das limitações metodológicas do estudo.

Na década de 40, os estudos de usuários estão voltados aos usuários da informação e é nesse período que o estudo deixa de ser sobre a biblioteca e passar a ser focado no usuário da informação. Nesse momento, as preocupações eram como o sujeito utilizava a literatura em suas áreas de conhecimentos, assim procurava entender como os cientistas e técnicos buscavam e obtinham a informação.

Ainda na década de 40, mais especificamente em 1948, acontece a Conferência da *Royal Society*, surgindo uma nova linha de estudo, que ressaltar como os cientistas e técnicos busca a informação, Figueiredo (1994) cita os trabalhos de Bernal e Urquhart que foram apresentados na Conferência da *Royal Society* em 1948.

Neste contexto Tanus (2014, p. 147) diz:

> Assim, os estudos, desse momento, direcionavam para a compreensão de como os cientistas e técnicos buscavam e obtinham a informação, quais as ferramentas e recursos utilizados, sobretudo, em seu ambiente de trabalho. Essa atenção despendida sobre os hábitos de certo perfil profissional correspondia ao próprio contexto político e econômico da época, em que a ciência e tecnologia assumiram papel preponderante na disputa entre as nações.

Outro evento importante que destacou os estudos de usuários da informação, ocorreu na década de 50. Foi a *Conference on Scientific Information*, que ocorreu em Washington em 1958. O foco de pesquisa ainda era o mesmo, mas agora a direção de pesquisa estava mais ligada a questões comportamentais. Nesse período, houver uma maior identificação de quais canais e fontes eram utilizados.

A partir da década de 60, os estudos se preocupavam mais com o comportamento do usuário. Baptista e Cunha (2007, p. 171), os estudos “[...] se preocupavam em identificar notadamente a frequência de uso de determinado material e outros comportamentos de forma puramente quantitativa e não detalhavam os diversos tipos de comportamentos informacionais.” Os estudos feitos não tinham preocupação com os diversos comportamentos informacionais do usuário.

Na década de 70, tinha-se a preocupação com o usuário e com suas necessidades informacionais. Baptista e Cunha (2007, p. 171) "Nesta fase, destacam-se os estudos que tiveram a preocupação de identificar como a informação era obtida e usada.” Buscava entender como os usuários obtinham as informações e como eles utilizavam, o estudo estava voltado às perspectivas de busca do usuário. Sendo que na década de 80, os estudos estão voltados para a satisfação do usuário, e também estão iniciados na inclusão digital. Nessa década que o usuário da informação é considerado o foco do estudo, valorizado suas características e peculiaridades de forma individual.

Sobre essa época Tanus (2014, p. 150) diz:

> A partir da década de 1980, passou a refletir no desenvolvimento das pesquisas devido à inserção de métodos diversificados, metodologias e aportes teóricos distantes da lógica positivista. Modificou-se também a postura diante do entendimento do usuário e da seleção de outros grupos de usuários da informação para além dos cientistas e técnicos.

A partir da década de 90, nesse período o estudo do usuário buscar entender o comportamento informacional, a estratégia de busca, recuperação da informação e como a disseminação da informação é feita. Em relação ao que foi apresentado sobre a evolução dos estudos de usuários, percebe-se que as pesquisas passaram a

estudar as necessidades informacionais dos usuários em determinado sistema, o que possibilitou o entendimento de como funciona o comportamento de busca deles.

A partir dos anos 2000, através de leituras de autores da área chagamos a conclução que os estudos de usuários sofreram uma retificação no termo para “comportamento informacional”. Nesse período a forma de busca do usuário sofreu grande transformação com o avanço tecnológico, com isso o estudo de usuários passa por transformações onde começará a surgir um novo usuário. Com a inserção da *internet* a busca por informação acaba se tornando mais fácil para o usuário.

> Verifica-se que a inovação tecnológica implantada na última década, transforma profundamente todos os segmentos das bibliotecas, com consequências muito importantes no comportamento do usuário e do bibliotecário. Analisam-se as mudanças que foram introduzidas nos acervos e serviços, apresentando-se um esboço histórico entre o convencional e o eletrônico, bem como as modificações estabelecidas no relacionamento do usuário para com a biblioteca e vice-versa. Focalizam-se particularmente ocorrências práticas (LIMA, 2010, p.5)

Na atualidade, o uso das tecnologias de informação e comunicação se tornou algo constante. Parte da população se encontra conectada e com acesso às redes, sendo que os estudos de usuários também sofreram modificações. Os profissionais da Ciência da Informação tiveram que se adaptar para poder atender os novos tipos de usuários, agora mais conectados e com maior acesso as diferentes fontes de informação, sendo também uma problemática no que se refere a seleção das informações confiáveis, para posterior utilização.

Em relação aos tipos de abordagens aplicadas aos estudos de usuários, as duas principais são: a abordagem tradicional e a abordagem alternativa (FIGUEIREDO, 1994; FERREIRA,1995; DERVIN e NILAN, 1986). As pesquisas da abordagem tradicional, estão mais direcionadas ao sistema de informação, sendo que esses estudos iniciaram no final da década de 40 até a década de 70 com foco nos sistemas de informação. O usuário até esse período era visto como um sujeito passivo, um simples utilizador do sistema.

De acordo com Ferreira (1995, p. 3):

> [...] a abordagem tradicional não tem examinado os fatores que geram o encontro do usuário com os sistemas de informação ou as consequências de tal confronto. Limita-se à tarefa de localizar fontes de informação, não levando em consideração as tarefas de interpretação, formulação e aprendizagem envolvidas no processo de busca de informação. O aumento no acesso à vasta quantidade de informação requer, entretanto, serviços que se centrem no significado da busca mais do que meramente na localização da fonte.

De acordo com essa perspectiva, na abordagem tradicional, os usuários são vistos apenas como meros integrantes do sistema e não como o sentido da razão de existência do serviço de informação. Em relação às características da abordagem tradicional, Dervin e Nilan (1986, apud SILVA, 2010) pontuam que:

- A informação não tem nenhuma relação com o usuário, possuindo uma realidade própria;
- O usuário é visto como passivo de informações objetivas e simples processadores de informação;
- O comportamento do usuário é analisado com base de fatores estatísticos, modelos espaço-temporal, utilizados em situações diversas;
- Os estudos eram voltados ao sistema da informação;
- Comportamento externo do usuário, com o contato com fontes de informações e não levando em consideração a cognição interna do usuário;
- O comportamento de todos os usuários são considerados o mesmo sem a distinção de cada indivíduo.

Já os estudos da abordagem alternativa estão direcionados ao usuário da informação e se iniciam na década de 80. Segundo Ferreira (1995, p. 5) “começam a considerar que a informação só tem sentido quando integrada a algum contexto. Ela é um dado incompleto, ao qual o indivíduo atribui um sentido a partir da intervenção de seus esquemas interiores.” Com essa nova abordagem, o usuário passar a ser um foco de observação.

Segundo Ferreira (1995, p. 6):

> Quanto aos usuários, esta nova abordagem concebe os indivíduos como pessoas com necessidades cognitivas, afetivas e fisiológicas fundamentais próprias que operam dentro de esquemas que são partes de um ambiente com restrições socioculturais, políticas e econômicas. Essas necessidades próprias, os esquemas e o ambiente formam a base do contexto do comportamento de busca de informação.

Na abordagem alternativa, uma das características principais é o foco do indivíduo em relação às suas necessidades e o uso da informação. Essa abordagem começa observar o usuário como o principal motivo da existência do sistema de informação, demonstrando que todos os serviços da unidade de informação são para a satisfação do usuário. Abordagem alternativa está centrada no usuário, estudando o comportamento do sujeito. Para Ferreira (2002) a abordagem alternativa ao

posicionar a informação como algo construído pelo ser humano, visualiza o indivíduo em constante processo de construção de conhecimento. Ela se preocupa em entender como as pessoas compreendem a informação e a individualidade das mesmas.

Os estudos de usuários são de grande importância para compreender o contexto em que a unidade de informação está inserida. O bibliotecário deve fazer o estudo em toda comunidade, sendo que dessa maneira ele poderá compreender quais são as necessidades de informação de sua comunidade, podendo assim oferecer produtos e serviços de informação adequados, atendendo todo tipo de usuário que compõem a comunidade, sendo que esta última pode estar presente em espaços físicos ou digitais.

2.3 Comportamento informacional: uma análise conceitual

O ser humano para realizar suas atividades diárias desenvolvem determinados tipos de ação que, com o tempo, se tornam rotineiras como, por exemplo: acordar pela manhã, ir trabalhar, estudar, desfrutar de momentos de lazer, de modo que, ao ter suas atividades pré-definidas torna sua vida mais fácil, pois assim não é necessário que decida todos os dias o que deve ser feito de maneira descoordenada. Com a obtenção de rotinas para sua vida, o indivíduo desenvolve meios de comportar-se diante das situações adversas. Quando o indivíduo evidencia que para a realização de determinada atividade, seja ela de cunho profissional ou pessoal, é necessário que adquira mais conhecimento quanto aos meios para a prática da ação almejada, assim ele inicia um processo de busca por informações que transformem o seu atual estado de conhecimento. Matta (2010, p. 9) discorre que sucessivamente as pessoas realizam buscas por informações que sejam úteis para os diversos aspectos de sua vida, tanto para sua prática profissional, como para a vida familiar e principalmente pessoal.

No âmbito da Biblioteconomia e Ciência da informação, os estudos focados no usuário e sua interação com a informação, conhecidos como Estudos de usuários, com o decorrer do tempo passaram ser classificados como estudos do Comportamento informacional, sendo entendido como uma evolução dos estudos anteriores, por apresentar um foco de visão mais abrangente quanto à forma que o usuário da informação se relaciona tanto com o sistema de informação, quanto aos seus aspectos cognitivos em relação ao processo de busca da informação.

Gasque e Costa (2010, p. 21) colaboram com a afirmação anterior discorrendo que, “trata-se, não somente de alteração terminológica, mas, sobretudo, de mudança paradigmática, do resultado de transformações no modo como o tópico é definido e abordadoe tambem na forma de como é investigado”. As autoras relatam ainda que “na literatura recente da Ciência da Informação o conceito de comportamento informacional reflete as noções identificadas nos estudos sobre usuários de informação. Mais que isso, identificam-se novas questões introduzidas no âmbito do tema” (GASQUE; COSTA, 2010, p. 22).

Oliveira, Bembem e Lara (2010, p. 2) definem comportamento informacional como “as ações realizadas pelos indivíduos, a fim de satisfazer suas necessidades motivadas por vários fatores, bem como as várias formas de buscar informação”. O Dicionário Eletrônico de Terminologia em Ciência da Informação (2008) apresenta a seguinte definição quanto a comportamento informacional:

> Modo de ser ou de reagir de uma pessoa ou de um grupo numa determinada situação e contexto, impelindo por necessidades induzidas ou espontâneas, no que toca exclusivamente à produção/emissão, recepção, memorização guarda, reprodução e difusão da informação.

Wilson (1997, apud MARTINEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007, p. 121), importante autor da área de Ciência da Informação, por propor um modelo conceitual referente ao tópico comportamento informacional, amplamente citado em outras pesquisas sobre o assunto, conceitua comportamento informacional como:

> Todo comportamento humano relacionado às fontes e canais de informação, incluindo a busca ativa e passiva da informação e o uso da informação. Isso inclui a comunicação pessoal e presencial, assim como a recepção passiva de informação, como a que é transmitida ao público quando este assiste aos comerciais da televisão sem qualquer intenção específica em relação à informação fornecida.

Com o intuito de definir parâmetros para analisar o comportamento informacional de usuários, diversos autores desenvolvem modelos de comportamentos informacionais, que objetivam entender e descrever os meios utilizados pelos usuários na busca pela informação e os aspectos emocionais e cognitivos que é evidenciado em cada estágio do processo.

Furnival e Abe (2008); Gasque e Costa (2010); Santos (2008) em seus trabalhos referentes á temática do comportamento informacional, citaram o modelo conceitual proposto por Wilson que subdivide o tema do comportamento informacional (*information behaviour)* em duas vertentes que se intercomunicam: comportamento

de busca da informação (*information-seekingbehavior*) que compreende o subcampo comportamento de busca em sistema de informação (*informationsearchbehavior*).

Podemos entender os estudos quanto ao comportamento informacional como a linha mais geral de pesquisa dos estudos de usuários, na qual tem como sub-campo o comportamento de busca da informação que é relativo aos meios que a pessoa pode empregar para acessar as diversas fontes de informação com o intuito de satisfazer suas necessidades informacionais. Como sub-campo que está incluso dentro dos outros dois já citados, temos comportamentos de busca em sistemas de informação que está relacionado aos usuários da informação e o uso dos sistemas de informação computadorizados, conforme o modelo elaborado por Wilson (1999, apud Santos, 2008, p. 43) apresentada na figura 1 a seguir.

Figura 1: Modelo conceitual de Wilson (1999)

Fonte: Wilson (1999, apud Santos, 2008, p. 43).

O comportamento de busca de informação pode ser entendido como um esforço que é consciente e intencional por parte do usuário que pretende adquirir uma informação com o intuito de satisfazer uma necessidade percebida ou preencher uma lacuna cognitiva. (WILSON, 2000; CASE, 2012).

Segundo Calva González (2004) o comportamento de busca de informação pode ser entendido em função do contexto no qual ocorre e, também, no contexto do próprio sujeito que apresenta o comportamento. Ademais Choo (2003, p. 99)

caracteriza a busca pela informação como “um processo humano e social por meio do qual a informação se torna útil para um indivíduo ou grupo”.

A busca da informação pode ser realizada pelos usuários em fontes de informações formais e fontes informais de informação. Como exemplo de fontes formais de informação temos os periódicos científicos, livros, relatórios de pesquisa entre outras. Como fontes de informação informais, temos os contatos com especialistas de uma determinada área, através da comunicação interpessoal, listas de discussão na *internet*, mídias sociais, etc.

Apresentaremos a seguir, o capítulo 3: *Feminismo: aspectos gerais*

3 FEMINISMO: aspectos gerais

O feminismo é um movimento social que luta para garantir direitos iguais entre homens e mulheres, no sentido que ambos tenham os mesmos direitos e as mesmas oportunidades. Para Pinto (2010) é um movimento que gera sua própria reflexão crítica, sua própria teoria. Até meados do século XIX, o homem era considerando superior à mulher, onde considerado o “sexo frágil”. Elas não tinham os mesmos privilégios e acesso aos direitos básicos como: ler, escrever, participação de assuntos políticos, etc.

As mulheres eram tratadas como meros objetos de procriação e consideradas como propriedades dos homens, aos quais deviam obediência e subordinação. Devido ao contexto histórico vivido na época, as mesmas estavam confinadas dentro do lar, onde eram incumbidas a função de esposa e mãe, e de trabalhos domésticos. Ademais, por fatores sociais e culturais da época as impossibilitavam de abandonarem o serviço doméstico para trabalhar fora de casa.

A exemplo da extrema desigualdade entre os sexos, a maioria das mulheres não tinha o direito à educação básica científica, como aprender a ler e a escrever, até o século XVII. Visto isso, recebia a educação voltada para a moral e os bons costumes da época, as orientações tinham como principal objetivo transformá-las em donas de casa, esposas e mães, para Almeida (2000, p. 5) “Os vários movimentos feministas mostraram que nessas lutas, além do direito político ao voto, as mulheres reivindicaram educação, instrução, igualdade e cidadania”. A partir do século XVIII, as escolas de tempo integral aceitavam as mulheres, porém a educação não mudou muito, pois estavam voltadas aos princípios da religião que pregava a fragilidade do sexo feminino e submissão mediante aos ordenados patriarcais.

No século XVIII e boa parte do século XIX as instituições eram restritas às meninas, como também o ensino distinto entre meninas e meninos. Em virtude disso, aprendiam a ler e a escrever, as quatros operações e para concluir a formação executavam a função de coser e bordar. Já os meninos aprendiam matérias como: História, Filosofia, Latim, Geografia e entre outras disciplinas. Dessa maneira a preocupação com a educação para a mulher estava voltada para trabalhos domésticos e não com instruções profissionalizantes de cunho cientifico.

De acordo com Ribeiro (2007 p.15) a educação feminina:

> Nessa época a elas não eram permitida a entrada nas Academias. Desobrigados, portanto, de preparar para os estudos superiores em geral, ainda considerados impróprios à mulher, o ensino secundário montado no fim

> do Império, em alguns poucos estabelecimentos particulares, adquiriu feição própria.

Em meados do século XIX, surgiram novos discursos em relação à mulher com manifestações contra a discriminação feminina e a luta por direito a voto, dessa maneira a educação da mulher também teve melhoria, mas a precariedade era algo que alcançava todas as classes sociais. A partir do século XX a mulher começa a ter uma educação voltada para o campo profissional, mesmo ela ainda não sendo aceita em todas as profissões.

Para Almeida (2000, p. 6):

> A conquista do direito ao voto reivindicado pelas primeiras sufragistas em princípios do século 20, principalmente nos Estados Unidos e Inglaterra, embora tenha ocorrido com maior ou menor intensidade, em nível mundial poucas modificações foram introduzidas no cotidiano das mulheres na época. Na realidade, o acesso das mulheres à educação e instrução, com vias a uma possível profissionalização foi muito mais relevante, do ponto de vista de sua emancipação, do que o voto, nos vários países em que o movimento se disseminou.

No Brasil, a educação começa através dos jesuítas e nas escolas do Período Colônia era voltada para o público masculino, que tinha como objetivo uma formação de uma elite colonial, culta, de acordo com valores e princípios da época, e religiosa. Nesse período tanto as mulheres brancas, sendo ricas ou não, como as negras escravas e a indígenas, não tinha acesso à educação. Em meados do século XVIII, houve uma série de reforma que começou a permitir a inclusão de meninas nas escolas, porém em turmas separadas por sexos. No final do século XIX a educação feminina ganhou força e daí começou o ingresso ao ensino superior tornando-se mestres e doutoras em diferentes áreas e a partir do século XX a presença da mulher no campo educacional só veio a crescer.

> Na primeira comitiva, junto com o governador, veio o primeiro grupo de jesuítas que iniciaram seus trabalhos fundando escolas, colégios, missões e paróquias, mas, foi a catequese dos nativos que se destacou. Foram praticamente os responsáveis pela educação no Brasil por duzentos e dez anos, até sua expulsão em 1759. (ALVES, 2009, p.5)

Quando as mulheres passaram a ser inseridas no mercado de trabalho, as condições para os homens já eram precárias, sendo para elas condições de rechaça, submissão e indiferença, pois além de enfrentar as dificuldades já existentes, as mesmas sofriam preconceito por causa da maternidade e por serem consideradas mais fracas, no que se refere a esforço físico, do que os homens e, consequente a isso, a sua renumeração era menor. Nesse período a luta da mulher por seus direitos

inicialmente ocorrem por meio de pequenas revoltas a fim de expressar sua opinião sobre a situação.

Com a Primeira Guerra Mundial, entre os anos de 1914 até 1918, fez com que mulheres que viviam em locais de combates pudessem mudar sua forma de viver, pois, os homens tiveram que lutar na guerra para representar seus países e com isso os locais de trabalho sofreram com a falta de mão de obra, onde, inicialmente, as mulheres passaram a trabalhar fora de casa para ajudar no sustento das suas famílias. Já com a Revolução Industrial os trabalhadores perderam os seus postos de trabalho para as máquinas, as quais executavam todo o processo que antes era manuseado pela classe operária. Como nessa época a mão de obra feminina era mais barata que a masculina, elas começaram a ser exploradas e não possuindo condições de trabalho com segurança, sem higiene, e não obstante, trabalhavam mais de 15 horas sem descanso, executando funções além de suas capacidades físicas.

A Revolução Francesa foi um período de grande instabilidade política e social na França, que teve um grande impacto na história do país, e se ampliar por todo continente europeu e influenciou movimentos sociais, como o movimento feminista. A Revolução Francesa era inspirada nas ideias iluministas, que defendiam a autoridade de ser baseada na razão, como também era idealizado a liberdade e constitucionalismo que eram fortes defensores da separação da igreja do Estado e eram opositores da monarquia absoluta e defensores do método cientifico.

Segundo Monteiro e Grubba (2017, p. 263):

> Feminismo em seu início, enquanto movimento, envolve diversas manifestações responsáveis pela luta das mulheres por igualdade entre homens e mulheres, bem como pela concessão direitos, principalmente pelo acesso aos espaços de decisões políticas. Surgiu a partir das ideias iluministas, entre os anos de 1680 e 1780. Quanto às origens políticas do movimento, essas se tornaram visíveis a partir da Revolução Francesa.

A Revolução Francesa tem relação com o feminismo, pois, foi nesse período que a mulher se apresentou na história como sujeito político, surgindo nessa eta histórica a primeira fase o processo do feminismo conhecido como “Primeira Onda”. A mulher dessa época, no continente europeu, tinha o seu estado social semelhante a uma escrava, a diferença era que o escravo era socialmente inferior, onde elas já eram consideradas naturalmente inferior. Durante muito tempo as mulheres tiveram os seus direitos negados, entre eles está o direito político, ou seja, eram proibidas de ter opiniões políticas e não podiam participar da escolha de seus representantes sem ter o poder do voto. A conquista do voto feminino só começou a se torna realidade no

começo no final do século XIX, com a atribuição do direito ao voto feminino na Nova Zelândia em 1983.

Só apenas no início do século XX que o movimente em prol do voto feminino começou a se espalhar pelo mundo. Foi nos Estados Unidos que o grupo denominado *Women' s Social and Political Union* (WSPU), que ficou conhecido como *suffragette,* esse foi o movimento feminista que mais chamou atenção tanto da mídia como da opinião pública, para a questão da exclusão da mulher na política. A luta pelo voto feminino, é um dos movimentos que mais geraram polêmicas na época em questão, para Monteiro e Grubba (2017, p. 268) "A luta das mulheres pelo direito ao voto implicou em torturas, rejeições familiares e levou muitas mulheres a serem crucificadas pela sociedade e, por diversas vezes, terem suas liberdades restringidas". Foi a partir dessas manifestações que mulheres saíram nas ruas exigindo mais participação política, o que gerou calúnias e risos por parte da impressa e muitos políticos. A questão do voto feminino deixou de ser apenas um símbolo de desigualdade entre homens e mulheres para ser visto como a chave para várias mudanças.

No Brasil, o direito do voto pelas mulheres só foi conquistado em 1932 e somente em 1965 que foi igualado ao dos homens, porém em 1880, Isabel de Mattos Dillon foi a primeira mulher a votar no país, através de uma brecha da lei saraiva que dizia que todo brasileiro que possuísse títulos científicos poderia votar. Embora esse feito não mudou a realidade das mulheres brasileiras que só conquistaram direitos ao voto mais de cinquenta anos depois.

De acordo com Marques e Xavier (2018, p. 9):

> No Brasil, o movimento feminista surge também com o sufrágio feminino, a primeira onda do movimento feminista chega ao Brasil no início do século XX, as sufragistas lutavam pelo direito ao voto e pela sua cidadania. Na Constituição de 1824, o direito ao voto era concedido apenas para indivíduos a partir de 25 anos de idade, militares e os casados podiam votar com 21 anos, além da idade também era estipulado uma renda mínima, porém eram poucos brasileiros que possuíam essa renda mínima. Em 1891, a constituição brasileira delimitava, claramente, o impedimento das mulheres como eleitoras e não só as mulheres, analfabetos, soldados, pessoas menores de 21 anos e pessoas abaixo da linha de pobreza.

Com isso, em 1933, as brasileiras puderam votar pela primeira vez e nessa mesma eleição foi escolhido a primeira deputada federal do país, a médica Carlota de Queirós. Em 1934 o direito do voto feminino foi incluído na constituição do país, onde mulheres solteiras e viúvas que tinham trabalhos remunerados podiam votar, onde, mesmo assim, mulheres casadas ainda precisavam da autorização do marido. Em

1935 as mulheres que exerciam atividades remuneradas ao voto se tornaram obrigatório pelo Código Eleitoral, e as que não recebia salário ainda tinham o voto facultado, isso só mudou em 1965 onde o voto feminino foi igualado pelo código eleitoral ao voto masculino.

3.1 O movimento feminista

O conceito de feminismo (do latim *femĭna*, significa “mulher”) surgiu no século XIX, que se desenvolveu em um movimento ideológico social e político, tendo sua origem nos movimentos sociais que surgiram com as revoluções liberais a exemplo da Revolução Francesa, que era baseada na ideia de iluministas, tendo a principal característica desse movimento é a luta por igualdade entre os gêneros. Ao longo da história a mulher sempre se rebelou contra a sociedade do patriarcado, onde eram vistas como seres inferiores que não tinha o direito de se rebelarem. Um fato importante que mostra a não aceitação de mulheres com voz é a inquisição da igreja católica, que as julgavam por não aceitarem ser consideradas inferiores entre o sexo masculino.

De acordo com Marques e Xavier (2018, p. 1):

> Falar do movimento feminista é entrar em um caminho repleto de estudos e teorias esclarecedoras, sobre a relação de poder na sociedade em que estamos inseridos. O movimento feminista apresenta suas próprias reflexões críticas que se aprimoraram com o decorrer do tempo e o aprofundamento de seus estudos levam a tomada de consciência das condições impostas à mulher na sociedade.

O movimento feminista está dividido em três ondas. A primeira ocorreu na metade do século XIX até meados do século XX e está relacionada a luta pelo direito ao voto feminino, essas mulheres eram conhecidas como as *suffragettes.* A primeira onda é liberalismo e universalismo, as mulheres defendiam que homens e mulheres têm diretos iguais, porém isso não significa que antes desse período as mulheres não revidaram os seus direitos, elas só, na maioria das vezes, não estavam organizadas em grupos.

De acordo com Pinto (2010, p. 15):

> Primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX, quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto. As *sufragetes*, como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres, foram presas várias vezes, fizeram greves de fome.

A segunda onda se inicia em meados dos anos 50, e, até os anos 90 ela se caracteriza pela luta de direitos reprodutivos e discussões acerca da sexualidade, segundo Lago (2010, p. 288) “A segunda onda, pós-segunda Guerra e a partir dos anos 60, recrudesceu as lutas por igualdade de direitos, mas estabeleceu também as teorizações afirmativas das diferenças: os *feminismos das diferenças”*. É nesse período que começa a distinção de sexo e gênero, sendo que sexo está relacionado a uma característica biologia e gênero a uma construção social. As feministas desse período buscavam identificar a origem da condição feminina, na segunda onda essas mulheres foram as primeiras a apontarem que apesar de todas diferenças entrem mulheres há algo que as une que é a opressão com base no sexo.

De acordo com Marques e Xavier (2018, p. 4):

> A segunda onda inicia-se no período pós-guerra, em que carregavam um lema “o político é pessoal”; esse lema se referia aos acontecimentos dentro do âmbito familiar que recebia uma intervenção da esfera pública e as mulheres que estavam envolvidas no movimento feminista buscavam por mudanças, abordavam em suas pautas a questão da violência social e doméstica que as mulheres sofriam, afirmando que essa questão deveria ser tratada pela esfera pública em busca de soluções. Portanto, a segunda onda inicia-se trazendo reflexões relacionadas às condições das mulheres em âmbito doméstico e social e, além disso, passam a levantar questionamentos relacionados aos papéis de gênero.

A terceira onda do feminismo tem o seu início na década de 90. Inicia a partir da ideia que as mulheres são diversas e precisam de demandas específicas, para Siqueira e Bussinguer (2020) O ponto de vista nesta fase do movimento é que não existem apenas homens, mas também decididamente divididos em duas categorias Biológico, mas todas as gamas de pessoas não obedecem a esse padrão pré-determinado. É nessa fase que se desenvolvem com maior força o movimento negro e também o movimento para as mulheres lésbicas, trans e os homens trans.

A história dos movimentos feministas traz grandes mulheres que produziram textos e organizaram movimentos coletivos para clamar por seus direitos. Sendo com isso a existência de diversas vertentes e linhas de pensamentos da teoria feministas, “ao longo da história ocidental sempre houve mulheres que se rebelaram contra sua condição, que lutaram por liberdade e muitas vezes pagaram com suas próprias vidas” (PINTO, 2010 p.15). Uma dessas mulheres foi, Simone de Beauvoir uma francesa que nasceu em 1908, que estudou filosofia aos vinte e três anos se tornou professorar, sendo autora do “Segundo Sexo”, defendia que o sexo é um fator biológico do ser humano, diferente de gênero, que é construído pela sociedade.

As mulheres, no decorrer da história, sofreram com a privação de seus direitos políticos básicos e também não tinham direitos sobre a si mesmas e, que, durante muito tempo a mulher foi vista como uma propriedade do sexo masculino, a quem elas deviam obediência sem poder questionar suas decisões. Ainda na sociedade atual esse pensamento arcaico permanece entre muitos homens, gerando graves consequências contra a mulher, uma delas é a violência doméstica, que pode se transformar no feminicídio.

A violência doméstica se refere a qualquer tipo de violência que ocorre entre membros que vivem em um ambiente familiar comum. Pode ocorrer entre pessoas que são parentes de sangue (como pais e filhos), ou que estão unidas de maneira civilizada (como marido ou mulher ou sogra e sogro), na maioria dos casos as vítimas sempre são mulheres e crianças. Essa violência pode ser subdividida em violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral.

O Brasil é um dos países onde a mulher mais sofreu violência doméstica, mesmo sendo um país com leis específicas e rígidas, o que evidencia que esses métodos não são suficientes. A violência contra mulheres é, ainda, um problema estrutural, ou seja, corre com frequência em todos os estratos sociais, mesmo com a proteção da vítima e a punição dos agressores não é suficiente para resolver o problema. Torna-se necessário a realização ações ordenadas para responder à violência de gênero, como incorporar essa discussão aos currículos escolares de forma multidisciplinar; formular políticas públicas com medidas preventivas abrangentes; promover pesquisas para gerar estatísticas e sistematizar dados ao nível nacional; Toda a sociedade (empresas, instituições públicas, agências governamentais, organizações não governamentais, etc.) deve realizar campanhas educacionais e divulgam a Lei Maria da Penha e outros documentos que protegem os direitos humanos das mulheres para expansão de conhecimento e aprimoração de valores.

Em detrimento de tais vertentes, ocorre o feminicídio, sendo este o assassinato cometido contra a mulher por questão de gênero, ou seja, é o menosprezo pela condição feminina ou discriminação de gênero. No Brasil, a prática desse crime pode ser punida pela Lei 13.104 de 2015 (Lei do Feminicídio), prever o feminicído como circunstância qualificadora do crime de homicídio (BRASIL, 2015). Os movimentos de mulheres e feministas foram os principais responsáveis por denunciar a letalidade da violência cometida contra a mulher, entretanto, nem todo assassinato cometido contra

a mulher é considerado feminicídio, só denominado assim quando a vítima é morta por questão de gênero.

As mulheres estão participando cada vez mais em todas as áreas da sociedade, mas ainda enfrentam obstáculos mediante seus esforços para se integrar à comunidade científica, e, infelizmente, sendo exclusas e desvalorizadas. Em algumas partes do mundo existem bibliotecas de memórias e bibliografias sobre a história do gênero das mulheres ou da condição feminina, a primeira delas é a Biblioteca Marguerite Durand, que está localizada em Paris.

No Brasil, a Biblioteca Feminista Cora Caralina está localizada em São Paulo, a primeira biblioteca feminista de São Paulo teve um papel óbvio: reunir em um mesmo lugar e tratar de obras relacionadas à imagem da mulher no Brasil e no mundo, os problemas que enfrentam e as desigualdades, como também falar e evidenciá-los a partir de ângulos diferentes da história. A biblioteca concebida por mulheres e pensada para mulheres também é considerada por elas como seu processo de construção em muitos aspectos. Além de disponibilizar literatura qualificada sobre gênero e diversidade de gênero, a sala temática também visa aumentar a visibilidade das obras literárias, acadêmicas e artísticas femininas, além de incentivar e divulgar esse conteúdo.

3.2 Ecofeminismo

Na década de 1970, a feminista francesa Françoise d'Eaubonne cunhou o termo ecofeminismo para explicar como a luta pelos direitos das mulheres se relacionam com a demanda por um mundo mais sustentável. Naquela época, d'Eaubonne defendia o direito ao controle da natalidade e outras questões, acreditando que a superpopulação terrestre que começava a ameaçar o meio ambiente era fruto da insistência do patriarcado em controlar o corpo feminino.

O ecofeminismo é um movimento político e filosófico que busca o equilíbrio entre a natureza e o ser humano, como também, favorecer a colaboração e respeitar todas as formas de vidas. Para compreender a importância do ecofeminismo, primeiro deve entender que fatores sociais, econômicos e biológicos. São as mulheres, na maioria das vezes, que mais são afetas com a degradação do meio ambiente, porém, mesmo elas sendo as mais afetas com os prejuízos provocados ao meio ambiente, não é a mulher a maior responsável por essa degradação, elas só são as mais prejudicadas. São obrigadas a deixarem seus lares para viverem em outras

localidades devido as condições climáticas, isso acontece, pois, a mulher tem a maior probabilidade em viver na pobreza e menor poder socioeconômico, esse fator dificulta que elas se recuperem em caso de catástrofes naturais.

Para Flores e Trevizon (2015, p.16):

> O ponto de partida para analisar a relação entre ecofeminismo e a sustentabilidade ambiental de comunidades nasce do pressuposto de que a existência de práticas sustentáveis está na base da organização e da dinâmica da ecovila, e do pressuposto de que os princípios que norteiam as ações do movimento ecofeminista estão em estreita sintonia com a sustentabilidade do meio ambiente. A ideia de sustentabilidade, por sua vez, traz consigo a noção de duração no tempo: o desenvolvimento que não esgota os recursos para o futuro.

O ecofeminimo se configura na decisão da mulher de tomar medidas para proteger seus corpos e o meio ambiente, e esse movimento é um dos resultados desse empoderamento. Isso ocorre porque as ecofeministas vêem a causa raiz comum entre a destruição ambiental e a degradação feminina. Ao combater esse sistema, podem criar melhores condições para todos.

A seguir apresentaremos o capítulo 4: *Abordagem da temática Feminismo na Ciência da Informação: revisão da literatura*.

4 ABORDAGEM DA TEMÁTICA *FEMINISMO* NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: revisão da literatura

Nesta seção apresentamos uma revisão de literatura dos trabalhos da área da Ciência da Informação, relacionados a nossa temática de pesquisa. Foram apresentados 20 trabalhos. Esses estudos foram recuperados nas seguintes bases de dados: Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), PERI/UFMG, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e o Portal de Periódicos da Capes. Destacamos no quadro 1 abaixo, os trabalhos recuperados e posteriormente suas respectivas descrições:

QUADRO 1: Autores da revisão de Literatura

Autor	Título da Pesquisa
Nascimento (2003)	Informação e cidadania: necessidade e formas de busca por parte da mulher catarinense.
Castro, K., Castro, J. e Oliveira (2015)	A moda como objeto de informação: o caso do Movimento Feminista Punk Riot Grrrl.
Santos e Dumont (2007)	A busca de informação pela mulher em jornais impressos.
Cortês, Luciano e Dias (2012)	A informação no enfrentamento à violência contra mulheres: Centro de Referência da Mulher “Ednalva Bezerra”: relato de experiência.
Santini, Terra e Almeida (2016)	Feminismo 2.0: a mobilização das mulheres no brasil contra o assédio sexual através das mídias sociais (#primeiroassedio).
Muller e Martins (2019)	Uma profissão feminina, mas não feminista? representatividade de gênero na gestão dos Conselhos regionais de Biblioteconomia no Brasil.
Ferreira, Borges, E. e Borges, L. (2010)	Mercado de Trabalho e a desigualdade de gênero na profissão da(o) Bibliotecária(o).
Santos (2018)	Os estudos de gênero na Ciência da Informação.
Santos (2016)	Relações de gênero na área de Biblioteconomia**:** uma análise de literatura.
Vasconcelos e Farias (2020)	Autoria feminina em Ciência e Tecnologia: cenário sobre a produção científica na Ciência da informação.
Caribé, Pinto e Diógenes (2015)	Necessidades de informação do gênero mulher no Distrito Federal, Brasil: resultados de um survey
Passos (2019)	Estudos de gênero na Ciência da Informação: análise dos anais do ENANCIB.

Rigolin, Hayashi, C. e Hayashi, M. (2013)	Métricas da participação feminina na Ciência e Tecnologia no contexto dos INCTs: primeiras aproximações.
Matos (2018)	Estudos de gênero e feminismo: uma análise bibliométrica da revista estudos feministas
Bufrem e Nascimento (2012)	A Questão do Gênero na Literatura em Ciência da Informação.
Romeiro e Silva (2018)	A Folksonomia das hashtags como instrumento de militância contra o assédio sexual no Facebook: avaliação da hashtag #mexeucomumamexeucomtodas.
Brito (2017)	Primavera Feminista: A internet e as manifestações de mulheres em 2015 do Rio de Janeiro.
Romeiro e Silva (2019)	A educação continuada e o protagonismo da mulher na Biblioteconomia: relato de experiência da oficina "mulheres na Ciência da informação e Biblioteconomia".
Silva (2012)	Uma mulher, a Biblioteconomia e as bibliotecas soviéticas.
Sampaio e Lima (2018)	O lugar de fala, e as representatividade de mulheres e LGBTQ+ na Biblioteconomia a partir das ações extensionistas e de pesquisa no Brasil.

Fonte: A Autora (2021), a partir dos dados coletados na pesquisa

O trabalho de Nascimento (2003), aborda a necessidade de busca da informação pela mulher Catarinense. A pesquisa foi feita com setenta professoras da rede estadual de ensino médio, em quinze escolas de Florianópolis, onde foi aplicado um questionário com perguntas fechadas e abertas. Além do questionário, foi feita uma entrevista onde as participantes expressavam a sua necessidade de informação.

Essa pesquisa pretendia conhecer as reais necessidades de informação das mulheres catarinenses, levando em consideração a inexistência de literatura sobre a mulher que estuda sua real necessidade. Assim, formas de busca de uso da informação, sendo que 84,3% são catarinenses e as outras pertencem a estados distintos, porém, moram em Santa Catarina. Das entrevistadas apenas 13% conhece bibliotecas, bases de dados ou páginas na *internet* que tratem de assuntos referentes ao gênero.

Em todas as escolas há bibliotecas, mas apenas 30% das entrevistadas consideram que atendem às suas necessidades de informação. 100% delas buscam algum tipo de fonte para o conhecimento tendo o livro como o mais utilizado, representando 44,3% em relação ao uso dos computadores. 84,4% afirmaram ter

computador em suas escolas, entretanto, apenas 8% usam como instrumento de pesquisa. Onde 100% delas concordam que a informação diminui as diferenças econômicas e sociais.

Mediante ao respectivo cenário, 30% tem o poder de decisão no trabalho, 80% delas se auto consideram autônomas. Conclui-se que é urgente e imprescindível oferecer maiores facilidades ao uso das bibliotecas, atualizar as mesmas, proporcionar o acesso à informação sobre o gênero e implantar laboratórios de informáticas nas escolas, para que as professoras possam aplicar o seu acesso ao conhecimento e ampliar suas práticas pedagógicas.

Já no trabalho de Castro, k., Castro, J. e Oliveira (2015) demonstra a moda como objeto de informação dentro do movimento feminista punk *Riot Grrrl*, sendo que esta é vista com um aspecto social pode ser considerada uma manifestação e uma representação informativa. A vestimenta da mulher era de forma “conservadora” o que era um estereótipo de “dona de lar”, recatada e aprisionada às suas vestimentas, refletindo um papel de submissão.

O movimento feminista punk *Riot Grrrl* relaciona-se não só com a moda, mas também de como existe uma forma de liberdade que busca a emancipação da mulher. O objetivo do estudo é apresentar as relações do movimento punk, e, mais especificamente, o *Riot Grrrl* com a moda, sendo este como objetivo de informação para uma pesquisa exploratória de base bibliográfica e documental. O movimento punk surgiu na década de 1970 nos Estados Unidos e na Inglaterra como uma forma de contestar o sistema capitalista, sendo um movimento contracultura e a juventude, que representava o movimento, era marginalizada e desaprovada pela sociedade.

No Brasil o movimento veio da Inglaterra na década de 80, trazido pelos jovens de alta classe de Brasília, que estudaram na Inglaterra e por conta do contexto histórico militar, os jovens eram atraídos por ideias anarquistas. O movimento *Riot Grrrl* e de cultura juvenil que abrange a música, o feminismo, a cultura, a literatura, o cinema e a política, surgiram na década de 90 nos Estados Unidos, formados por um grupo de garotas que contestava punk rock e o papel social das mulheres. O significado de *Riot* é “garotas amotinadas” e *Grrrl* é onomatopeia usada para representar um rosnado de raiva.

A moda punk, como objetivo de informação, tem a vestimenta não só para proteção, transmite elementos diferenciados, tornando o vestir-se um ato significativo de informação. A moda, no contexto de objeto de informação, não é somente estética,

ela apresenta um diálogo critico que demonstra autoritarismo e liberdade do corpo. Logo, a pesquisa tem finalidade de relatar a identidade do movimento feminista punk *Riot Grrrl*- enquanto ativismo sociopolítico - com foco no seu histórico, lutas e diversidade mecanismo informativos.

O artigo de Santos e Dumont (2007) demonstra como a mulher busca a informação em jornais impressos. Foi feita uma entrevista 172 leitoras do Jornal Estado de Minas, a entrevista foi feita através do telefone, no período de 1 de agosto a 28 de outubro de 2006, a técnica escolhida foi a entrevista semiestruturada, combinando quatro perguntas abertas e três perguntas fechadas. Em relação aos objetivos das leitoras, 58% leem a procura de informações novas e 20% para manterem-se atualizadas. A partir dos dados, foi concluído que quase a metade do público leitor dos jornais brasileiros lê em busca de informação, sobre o feminismo, como a moda e família. As informações são utilizadas para interagir socialmente em seus cotidianos.

A pesquisa de Côrtes, Luciano e Dias (2012) trata a violência cometida contra à mulher e que viola os direitos humanos afetando milhares delas entre todas as idades, variedades de classes sociais e graus de escolaridade em todo o mundo. São diversos prejuízos causados pela violência física, sexual, patrimonial e psicológica na saúde, como um todo, e emocional das mulheres. A insuficiência, a ambiguidade e a falta de consistência de informação impedem a visibilidade e o dimensionamento da violência de gênero, dificultando a implantação de políticas públicas.

Essa pesquisa aborda a violência contra a mulher, tendo como referência e campo de pesquisa o Centro de Referência da Mulher “Ednalva Bezerra” (CRMEB), da cidade de João Pessoa. Foi traçado os perfis de mulheres entre os anos de 2007 a 2011, um total de 1227 mulheres, e que foi utilizado a abordagem quantitativa, classificando e descrevendo dos perfis das mulheres: como a faixa etária, a situação conjugal, a escolaridade, a ocupação, a renda e a características étnico-racial. Os dados demonstram que o (CRMEB) vem tendo uma diferença significativa no atendimento às mulheres em situação de violência. A informação é essencial para se compreender a dinâmica da violência e fortalecer as políticas públicas na prevenção.

Já o trabalho de Santini, Terra e Almeida (2016) demonstram como a mobilização das mulheres nas redes sociais é feita através do uso das plataformas na *internet* como forma de luta. O ano de 2015 foi decisivo em relação à luta por igualdade de gênero. Esse ano foi marcado com a divulgação do “Mapa da Violência” de 2012 e

2015, onde revelou dados atuais sobre o feminicídio silencioso, nesse mesmo ano foi questionando os tabus femininos de forma *online*, que há décadas são debatidos no Brasil. O objetivo dessa pesquisa foi examinar como funciona a nova forma de protestar nas redes sociais, a partir da vida cotidiana do indivíduo de como ele se comporta com a redes de informação. Para isso foi realizado um estudo com a *hashtag* #primeiroassedio através de dados extraídos da rede social *Twitter*, relacionada a uma campanha online ocorrida no Brasil em 2015. Foi extraído os dados da *hashtag* na rede social o *Twitter*, a partir do software "*Radian Analysis Dasboard*", entre os períodos de 20 de outubro a 7 de novembro de 2015.

De acordo com os resultados encontrados, uma nova dinâmica dos movimentos sociais em rede na internet, permitem que perfis sem muita visualização crie uma campanha e receba grande repercussão. Com a quebra do silêncio com a *hashtag* #primeiroassedio, percebe-se o poder que esses veículos de comunicação digital têm em relação à formação de opinião.

A pesquisa de Muller e Martins (2019) trata sobre a profissão do bibliotecário em relação ao gênero de prevalência na profissão, mesmo sendo uma profissão considerada feminina, não é representada por mulheres. A pesquisa foi realizada com o método qualitativo e que utilizou analise bibliográfica, documental e de conteúdo, análise do estudo de gênero na Biblioteconomia. A produção do estudo teve como princípios os dados do CRB (Concelho Regional de Biblioteconomia) os resultados obtidos, monstra que 82% dos profissionais registrados são mulheres e apenas 18% homens.

Em relação à representação dos membros CRB o percentual de mulheres cai 75% nas diretorias para 70% e na presidência do órgão para 50% de mulheres e 50% de homens. Com essa análise, foi percebido que o percentual masculino na política é extremamente maior que o feminino, mesmo a profissão sendo considerada feminina. Além disso, o nível educacional exigido da mulher para ocupar o mesmo cargo que o homem, a mesma deve ter um nível educacional superior em relação ao sexo masculino. Desse modo, a finalidade não é que a profissão do bibliotecário seja feminina, mas é que ela ainda não é feminista, o debate desse tema necessita um maior espaço de discussão, além do estudo ser mais ampliado.

O trabalho de Ferreira, Borges, E., e Borges L. (2010) trata o mercado de trabalho e a desigualdade de gênero na profissão do Bibliotecário, foi utilizado a pesquisa qualitativa e quantitativa para investigar as percepções do sujeito sobre a

diferença de gênero na biblioteconomia. O objetivo da pesquisa é aprofundar o debate sobre as questões de gênero no campo da Biblioteconomia, situando o profissional da informação no mundo do trabalho, a metodologia do estudo constitui-se em ter momentos trabalhados concomitantemente: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de campo.

A pesquisa demonstra que o curso de Biblioteconomia em sua maioria é formado por mulheres. Foi percebido, que, mesmo sendo uma área considerada feminina percebe-se que na maioria dos estados brasileiros, cargos de poder, são exercidos por homens. Foi concluído que os estudos sobre a relação de gênero na Biblioteconomia ainda são poucos, porém, mesmo que seja timidamente alguns pesquisadores, percebem a importância desses estudos além de dar visibilidade e propor a solução do problema.

O artigo de Santos (2008) traz os estudos de gênero na Ciência da Informação, tem o objetivo de fazer um levantamento das pesquisas com enfoques nos Estudos de gênero realizados a área da Ciência da Informação no Brasil e no mundo. Os trabalhos foram buscados no portal Capes, além dos trabalhos apresentados no Enancibs no período do ano 2000 a 2007. Através do estudo chegou à conclusão que poucos pesquisadores que se interessam sobre o tema, ao todo foram encontrados 18 artigos publicados por autores de outros países em 14 revistas internacionais, 4 em 5 edições Enancibs e 6 artigos publicados em 5 revistas nacionais. O que se pode perceber é a relação à conclusão quanto à necessidade de as ciências, incluído a da informação investirem em estudos que publicações que detectar as desigualdades de gêneros.

O trabalho de Santos (2016) discute a relações de gênero na área de Biblioteconomia: uma análise de literatura, no qual teve o objetivo de analisar a produção técnico-científica sobre relações de gênero nas áreas de Biblioteconomia, passando pela Ciência da Informação no Brasil, de modo a apreender o atual estágio da discussão, e como se situa a questão nessas áreas. A análise foi feita com 87 artigos entre os anos 1993 a 2016, com a temática gênero feminino/masculino, que foram analisados quanti-qualitativamente, apenes 6 artigos foram selecionados como pertentes a análise das relações de gêneros dentro da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, a pesquisa foi feita através do portal de Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI).

Para avaliar a produção das ciências técnicas que tratam das relações de gênero na Biblioteconomia e na CI, tendo como abordagem metodológica a pesquisa quantitativa e qualitativa, sendo um estudo exploratório, foi feito um levantamento bibliográfico na base de dados BRAPCI. Os trabalhos encontrados na BRAPCI ancorados à temática sobre os assuntos inerentes a representação de gênero no cinema, pesquisa sobre o movimento feminista e a saúde da mulher.

O artigo de Vasconcelos e Farias (2020) tem a temática, autoria feminina em ciências e tecnologia: cenário sobre a produção científica na Ciência da Informação, o estudo apresenta de que forma a ciência da informação vem trabalhando a questão do gênero na área. Para a realização da pesquisa foi consultado artigos na Base de Dados em Ciências da Informação, sobre a temática da participação feminina na produção científica em Ciência e Tecnologia.

O objetivo do artigo é apresentar um panorama sobre como a temática, está sendo abordada na Ciência da Informação. Para isso foi feito uma busca na base de dados utilizando os seguintes termos: “estudos de gênero”, “produção científica feminina” e “produção feminina”, foi feita uma leitura em 128 resumos e foram selecionados 13 artigos para análise. Após essa analise percebe-se que as principais palavras-chave utilizadas foram: gênero, produção científica, mulheres, Ciência da Informação, indicadores de Ciência e Tecnologia, estudos métricos, estado da arte e periódico científico.

Foi percebido através do estudo que os anos com maior produção científica foram 2012, 2017 e 2019. Foi concluído que os estudos de gênero em Ciência e Tecnologia, necessita de mais atenção na área da Ciência da Informação.

O trabalho de Caribé, Pinto e Diógenes (2015) tem o tema, necessidades de informação do gênero mulher do Distrito Federal, Brasil: resultados de um *survey*. A pesquisa faz parte do campo de pesquisa de usuários e relata os resultados de uma pesquisa realizada no Distrito Federal (DF) do Brasil com o objetivo de utilizar 37 amostras estruturadas para identificar as necessidades das mulheres e o uso da informação.

Incluindo uma breve revisão da literatura de pesquisa do usuário a fim de determinar as necessidades e o uso de informações por diferentes categorias de indivíduos; apresentando o desenvolvimento da pesquisa do usuário em termos metodológicos e métodos quantitativos e qualitativos; e pesquisas relacionadas às necessidades e ao uso de informações de gênero. Neste estudo, foi determinada a

importância de temas como: Direitos do cidadãos, informação utilitária, atualidades, lazer e crescimento pessoal. As fontes e ferramentas de interesse das mulheres no Distrito Federal e a frequência de uso, bem como a relação entre essas fontes de preferência e o perfil de escolaridade, idade e renda.

A dissertação de Passos (2019) tem o tema sobre estudos de gênero na Ciência da Informação: uma análise dos anais Enancib. O objetivo geral da dissertação é analisar temáticas de gênero abordadas na Ciência da Informação, ao nível nacional, por meio do evento científico Enancib, é uma pesquisa de caráter bibliográfico e exploratória. Na análise utiliza-se a abordagem da Análise Textual Discursiva (ATD), além de utilizar outras duas abordagens teóricas que serão aliadas a ATD: a crítica feminista, instrumentada por um viés desconstrucionista de gênero e o materialismo histórico. Foram identificadas cinco grandes categorias para discutir os 26 trabalhos recuperados sobre gênero no evento: Estudos de Gênero na Ciência da Informação; Exploração e violência contra a mulher; Gênero, Ciência e Tecnologia; Gênero, leitura e literatura e Informação social e étnico-racial.

Na medida em que repensar como lidar com as questões de gênero na ciência da informação e como os pesquisadores participam de seus trabalhos, pode ser um fator importante na regulação da estrutura teórica da área e, principalmente, em termos de humanidade como a discussão deste trabalho é considerada. A pesquisa de informação pode ser concedida a grupos sociais que foram negligenciados na história. A conclusão aponta que a pesquisa de gênero agregou à ciência da informação para justificar a não neutralidade da área temática, o que se reflete na escassez de pesquisas que tratem das trajetórias das mulheres por meio do viés informacional de gênero.

O artigo de Rigolin, Hayashi, C. e Hayashi, M. (2013) tem o tema métricas da participação feminina na ciências e tecnologias no contexto dos INCTs: primeiras aproximações. A pesquisa apresenta resultado preliminar de uma estudo que estava em andamento, tem entre seus objetivos analisar a categoria "gênero", tendo como objeto de estudo projetos com liderança feminina que participam dos Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCTs).

A pesquisa é de caráter exploratório e descritivo e o objeto de estudo são os 18 INCTs coordenados por mulheres. Os procedimentos metodológicos foram realizados em etapas, a primeira contempla a coleta de dados e interpretação dados primários sobre os INCTs, a segunda etapa, foram coletados dados secundários

extraídos dos currículos Lattes das pesquisadoras e foram 18 Currículos Lattes, a pesquisa realizada enfocou a participação feminina nos 18 INCTs liderados por mulheres durante o período de 2008 a 2012.

A dissertação de Matos (2018) tem o tema Estudos de gênero e feminismos: uma análise bibliométrica da revista Estudos feministas, a pesquisa tem como objetivo geral analisar a produção científica acerca do domínio “Feminismo e Estudos de Gênero”, por meio da aplicação de indicadores bibliométricos, aos artigos publicados entre 2001 a 2016 no periódico Revista Estudos Feministas (REF), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Foram analisados 298 artigos durante o período analisado (2001-2016), a pesquisa é de caráter quantitativo e qualitativo, na medida em que analisa e contextualiza os dados a partir da perspectiva da epistemologia feminista. Foi utilizada a base de dados *Scielo* como fonte de dados, o *Microsoft Excel* para construção de tabelas e gráficos, o Tesauro para estudo de gênero e sobre mulheres e para a confecção da rede de coautorias foi utilizado software *Ucinet*.

Os resultados obtidos foram que mais das metades das autoras publicam em autoria individual (67,85%), sendo a falta de investimento nas Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas é algo a ser considerado. A partir das análises de citação pode se perceber um grande embasamento epistemológico e sociológico dos artigos, além de uma preocupação com políticas públicas. Já na análise temática, perceber-se maior quantidade de publicações relacionadas com violência contra mulheres e também pesquisas direcionadas à melhoria de políticas públicas.

Foi concluído que o aumento de artigos publicados sobre o tema nos últimos anos demonstra uma ampliação ao debate. Ademais, a participação de autores estrangeiros e de diferentes áreas do conhecimento confirma a importância universal a esse estudo, porém o número de trabalhos ainda não é suficiente para tornar a discursão do tema mais fortalecida e fazer exequível discussões acerca do tema tornando-o de maior relevância.

O artigo de Bufrem e Nascimento (2012) retrata a questão de como é tratado o gênero na literatura em ciência da informação. O estudo pretende destacar a presença do gênero feminino em duas frentes: verificar a presença da mulher como produtora de informação e analisar a temática do gênero na ciência da informação no Brasil. É

um estudo descritivo que utiliza o método bibliométrico, pois verifica a presencia a mulher como produtora de conhecimento.

Foi utilizado a Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) desde o ano 1972 a 2011, feita a coleta em 14 e 16 de fevereiro de 2012. Foram 74 artigos escritos por 102 autores distintos, que pesquisar a temática gênero. Conclui-se que a maioria dos autores era do sexo feminino, existe a interdisciplinaridade presente na produção científica em ciência da informação. Certifica-se a predominância por um único autor e percebe o aumento de publicação em relação ao tema gênero.

Já a pesquisa de Romeiro e Silva (2018) tem o objetivo de avaliação da #*hashtag*, como ferramenta de militança. Onde fora feito um levantamento na mídia social no *Facebook* da #mexeucomumamexeucomtodas**,** que viabilizou o tema assédio sexual no ambiente de trabalho. Na fundamentação teórica, o *folksonomia* e a *hashtag* como meio de militança nas redes sócias. Os objetivos específicos foram: (a) mapear a quantidade de postagem; (b) descrever o gatilho; (c) categorizar as postagens; (d) discutir quanto a utilização das #*hashtag* são importantes. É uma pesquisa quali-quantitativa de caráter exploratório. A coleta de dados foi feita em 31 março a 01 de maio de 2017.

Os dados foram coletados da planilha eletrônica, do campo de busca do *Facebook*, a pesquisa foi caracterizada por: Desabafo, opinião, denúncia; foto; notícia; vídeo. Foram encontradas 121 publicações utilizando a *hashtag* #mexeucomumamexeucomtoas, a categoria “notícia” foi a maior ocorrência com 43 publicações; foto com 33 publicações; desabafo, opinião, denúncia com 30 publicações; e vídeo com 15 publicações realizadas no período de estudo.

A *hashtag* ganhou força com por causa de uma denúncia no quadro #AgoraÉQueSãoElas da Folha de São Paulo sobre o assédio sofrido pela figurinista da Globo por um ator e o segundo caso foi quando uma participante de um reality show brasileiro, onde o indivíduo foi expulso por agredir outra participante que era sua namorada. As postagens que possuem imagem e noticia são mais compartilhas (92%). Assim, a relevância da discussão da biblioteconomia a e da ciência da informação e a importância de ampliar os estudos em relação ao *folksonomia* e a militância social através das *hashtags*.

O trabalho de Brito (2017) demonstra que no ano de 2015, mulheres foram protestar na rua contra o projeto de lei 5029/2013 e do seu autor, o então deputado

federal Eduardo Cunha (PMBD-RJ), ocorreu em diversas cidades do país. É uma pesquisa de caráter qualitativa, sobre o protesto da Primavera das mulheres que ocorreu no Rio de Janeiro, no dia 28 de outubro, 12 e 25 de novembro. A motivação para a criação do evento foi a aprovação do PL 5029/2013 na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmera Federal.

Ela trata do atendimento a mulheres, vítimas de violência sexual no sistema público de saúde, onde estabelece punições a profissionais de saúde que incentivarem o aborto ou dar qualquer auxilio a vítima que possa ajudá-la a fazer o aborto, o que, poderia restringir a venda dos contraceptivos de emergência. Após aprovação da PL, três mulheres tiveram a ideia de criar um evento no *facebook* contra o Projeto, elas se juntaram e fizeram um único evento. O movimento teve um grande retorno e ficou conhecido como primavera das mulheres, ele pedia a não aprovação da PL e a renúncia de Eduardo Cunha.

O trabalho de Romeiro e Silva (2019) é um relato de experiência da oficina “Mulheres na Ciência da Informação e Biblioteconomia” que aconteceu no 36° Painel de Biblioteconomia em Santa Catarina no dia 02 de agosto 2018. A abordagem tinha o objetivo de discutir a contribuição da mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação, onde 20 participantes, sendo que 90% eram do sexo feminino e 10% do sexo masculino.

Como na fundamentação teórica foi citada as autoras como: Helleieth Safiotti (2002), Teresinha Souza (2013), Simone Bevouir (2014), Djamila Riobeiro (2017) e como autor, Pierre Bourdieu (2002). Foi apresentado três fases do feminismo: a primeira onda tinha como principal representantes as mulheres europeias; a segunda onda ocorreu no século XX, onde mulheres estadunidenses levantaram o debate e logo após espalhou pelo mundo; a terceira onda questões como corpo, inclusão da diversidade começaram a fazer partes das pautas. Os contributos teóricos das autoras Audre Lorde (1984), Judith Butler (2003), Bell Hooks (2013) foram apresentado sobre o assunto.

O artigo de Silva (2012) tem como principal objetivo resgate histórico e a reflexão o desenvolvimento educacional da Biblioteconomia e das bibliotecas na antiga União Soviética no ano de 1917 além do estudo sobre a vida de Nadezdha Konstantinovna Krupskaia, uma das precursoras da Biblioteconomia. A pesquisa retrata quem foi Nadezdha Konstantinovna Krupskaia, contextualizando sua história, também é tratado como funcionava a educação, a relação com os livros e bibliotecas

na União Soviética, além de demonstrar a relação de Krupskaia e a Biblioteconomia Soviética.

No trabalho desenvolvido por Sampaio e Lima (2018), as autoras buscaram mapear os projetos de pesquisa e as ações extensionistas dos cursos de bacharelado em Biblioteconomia de universidades públicas que abordem as temáticas sobre gênero e sexualidade. As autoras utilizaram da pesquisa documental, por meio da busca de ações extensionistas ligadas à temática nos sítios das Universidades Federais e Estaduais do Brasil, selecionando as ações por intermédio da análise de conteúdo.

As autoras constataram nos resultados da pesquisa, uma baixa incidência de ações extensionistas voltadas às comunidades LGBT e de mulheres, o que demonstra um olhar ainda fosco da área em relação ao seu papel como agente de modificação da realidade de grupos socialmente vulneráveis. (SAMPAIO e LIMA, 2018).

A seguir apresentaremos os procedimentos metodológicos desta pesquisa.

5 METODOLOGIA

A metodologia refere-se aos meios de estabelecer, sistematicamente e com um arranjo definido, as etapas da pesquisa científica, com a apresentação da tipologia do estudo, os procedimentos e as formas de coleta e análise dos dados e os sujeitos da pesquisa.

Umas das partes do trabalho que se deve redobrar a atenção é a metodologia, pois esta, exige critérios no que tange à escrita e abordagem dos procedimentos para a sua efetiva execução. Os estudos que são feitos, através da identificação da abordagem temática na literatura de uma área, o trajeto a ser realizado e todo o cenário que irá compor a respectiva parte metodológica do trabalho. Mediante a isso, nada deve ficar de fora da descrição do/a pesquisador/a. (CARVALHO, et al, 2019)

Sendo assim, a pesquisa em tela se caracteriza, quanto aos objetivos como exploratória, na qual Gil (2002) assinala que esse tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema (questão de pesquisa), com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. O autor ainda complementa que, está tipologia de pesquisa, têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de hipóteses. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao assunto estudado.

Quanto aos procedimentos, foi utilizado levantamento bibliográfico, no qual este último foi realizado em catálogos (*opacs*) e bibliotecas digitais para localização de livros, dissertações, teses e bases de dados (inter)nacionais, textuais e referenciais, tais como *Scielo*, Peri/UFMG, *Lisa*, Capes, Brapci, *Web of Science*, entre outras. O levantamento bibliográfico foi realizado para a construção da fundamentação teórica, bem como comparação dos dados coletados nesta pesquisa, com os trabalhos publicados sobre a temática em tela.

No que se refere a abordagem do problema, a pesquisa se caracteriza como quantitativa, com a aplicação de um questionário com perguntas fechadas e semi-abertas, para um total de 15 integrantes do Movimento Feminista Catadoras de Mangaba de Sergipe. Malhotra (2001, p.155) afirma que [...] “a pesquisa quantitativa procura quantificar os dados e aplica alguma forma da análise estatística”. A escolha do número de integrantes do grupo em que irá compor a nossa pesquisa se deu pelo contato prévio com uma das líderes do movimento, onde foi informado por esta que as integrantes supracitadas ocupam a posição de liderança do movimento.

A construção do questionário foi baseada na literatura sobre comportamento de busca da informação (WILSON e WALSH, 1996; CUNHA; AMARAL; DANTAS, 2015 e NASCIMENTO, 2003). O questionário foi hospedado na plataforma digital do Google formulários e o *link* do mesmo foi enviado por *e-mail*, e para seis integrantes foi através de ligação, para um total de quinze integrantes do grupo.

A análise e tabulação dos resultados foram feitas nos meses de junho de 2021 e estes foram dispostos em gráficos e tabelas para auxiliar a interpretação das informações.

5.1 O Movimento Catadoras de Mangaba de Sergipe[3]

O Movimento Catadoras de Mangaba de Sergipe teve sua fundação em 2007, logo após a realização do I Encontro das Catadoras de Mangaba de Sergipe, a criação do movimento teve o discurso de defesa do extrativismo da mangaba, modos de vida e biodiversidade costeira e marinha. A organização é composta em sua maioria por mulheres que se consideram ecofeministas, em vulnerabilidade socioeconômica que se dedica a extrativismo em terras devolutas ou terceiro, além de desenvolver outras atividades. O MCM foi criado com o objetivo de organizar e proteger as catadoras, pois antes do movimento elas não podiam exercer o seu trabalho nos mangabeiros, como na maioria elas não possuíam a posse da terra, eram proibidas pelos proprietários de fazer a coleta da mangaba, através de violência física e verbal.

De acordo com Jesus e Santos (2018, p. 92):

> As conquistas advindas da organização das mulheres extrativistas da mangaba têm-se destacado no autor reconhecimento como catadora de mangaba e na defesa das áreas territoriais nativas de mangabeiras, fonte de renda e reprodução de conhecimentos singulares fruto da interdependência com o meio ambiente.

As coletoras de mangaba correspondem aos grupos tradicionais que realizam atividades extrativistas nas regiões de planaltos costeiros, restingas e cerrados do Brasil, e seu estilo de vida é baseado em práticas que envolvem o uso de ferramentas básicas e uma relação simbiótica com o meio ambiente. Uma relação também se caracteriza pela construção do conhecimento que se delineia no cotidiano.

O grupo de catadoras de Sergipe é composto principalmente por mulheres negras e pobres. Mulheres que desenvolvem atividades em terras não ocupadas ou de terceiros, porém, geralmente, nunca são proprietárias de terras para a arrecadação

[3] Informações extraídas da página: https://www.catadorasdemangaba-ecommerce.com

de recursos naturais. Além disso, realizaram outras atividades paralelas ao extrativismo de mangaba (pesca, pecuária e artesanato) e contribuíram para a preservação desse patrimônio cultural.

A mangaba para essas mulheres é fonte de renda, o que garante a sua sobrevivência e a de seus familiares, um grande problema enfrentado pelas catadoras é a degradação das áreas de ocorrência natural da árvore mangabeira percorre em um caminho que pode causar sua extinção, principalmente pelo os impactos causas por cultivo de cana- de-açúcar, criação de camarão, etc.

Segundo Santos e Souza (2016, p. 630):

> As principais ameaças que esse grupo vem enfrentando são decorrentes da intensa exploração dos recursos naturais, do plantio da cana-de-açúcar, do eucalipto e do coco, da especulação imobiliária, da construção de infraestruturas turísticas, da carcinicultura, do desmatamento de campos nativos e do cerceamento de terras. Ações que têm contribuído para a diminuição das mangabeiras e pondo em risco de extinção a reprodução social deste grupo.

A atividade do extrativismo da mangaba é desenvolvida em sua maioria pelas mulheres, em todas as etapas do processo, incluído a criação de produtos utilizando o fruto como base, essas mercadorias serão comercializadas inclusive a fruta in natura. O trabalho dessas mulheres garante uma parcela significativa para a economia familiar, o que garante uma melhor qualidade de vida para suas famílias.

A mangabeira é uma árvore nativa do Brasil, pode atingir os sete metros de altura, encontrada do Norte até o Sudeste em locais de vegetação aberta associado ao bioma caatinga e cerrado, também é encontrada nos tabuleiros costeiros e baixada litorânea do Nordeste. A mangaba é o fruto da mangabeira é comestível e utilizada na fabricação de sucos, sorvetes, bolos, doces, geleias, licor e etc.

Segundo Santos e Souza (2016, p. 633):

> O extrativismo da mangaba tem uma importância social e econômica para essas populações, uma vez que é relevante para a segurança alimentar desse grupo e responsável por 60% dos seus rendimentos anuais. Apesar da sua importância socioeconômica e de ser reconhecida como árvore símbolo do estado pelo decreto nº 12.723/ 1992 a mangabeira não tem proteção legal que proíba o corte e que possibilite o livre acesso das extrativistas nas áreas de ocorrência.

A conservação das mangabeiras tem sido difícil devido à degradação do ecossistema, o que colabora com a diminuição da planta, essa devastação é uma ameaça para o trabalho das catadoras de mangaba no litoral Sergipano.

Segundo Jesus e Santos (2018, p. 92):

> As populações tradicionais em Sergipe mantêm a biodiversidade das espécies de frutos, com suas práticas extrativistas, mesmo diante das ameaças dos manejos predatórios incentivados pela valorização econômica da terra. A sobrevivência de tais comunidades tradicionais está intimamente ligada à forma de utilização dos recursos naturais, uma vez que as atividades exercidas influenciam no modo de vida dessas populações, essencialmente extrativistas.

Extrativismo de mangaba tem contribuído positivamente para a composição da renda Família local. Na participação ativa das mulheres, base produtiva familiar e delineadas no parentesco, as atividades dessas populações são responsáveis pela proteção das mangabeiras. Além de ajudar a manter a subsistência de muitas famílias, essa dependência também levou ao acúmulo de valores, conhecimentos e práticas, que constituíram uma identidade cultural e de gênero que teve impacto na tentativa de proteger preservar áreas nativas de Mangabeiras. Porém, mesmo que existam evidências de pesquisas de que cuidados especiais são tomados na coleta de frutos produzidos por catadoras de mangaba, isso não é suficiente para mudar a realidade da entrada de catadoras de mangaba no território. O território dos catadores de Mangaba está relacionado aos costumes sociais e culturais que desenvolveram para sua sobrevivência.

As catadoras de mangabas utilizam as mídias sociais como formar de difundir o movimento, as postagens pelo movimento contam com posicionamento político, social, cultural e comercial. A maioria das postagens e de cunho político-social e cultural, além da enaltecer das catadoras para o meio comercial dos produtos produzidos pelas próprias mulheres são comercializados no comércio do estado, ademais, a distribuição pelos programas Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), ambos previstos no Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, além disso, existe uma loja virtual que comercializam os produtos e tem um pouco da história do movimento.

O movimento Catadoras de Mangabas de Sergipe, é um movimento que enaltece as mulheres através das lutas para manter a organização das catadoras, dando dignidade através do trabalho para as mesma.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

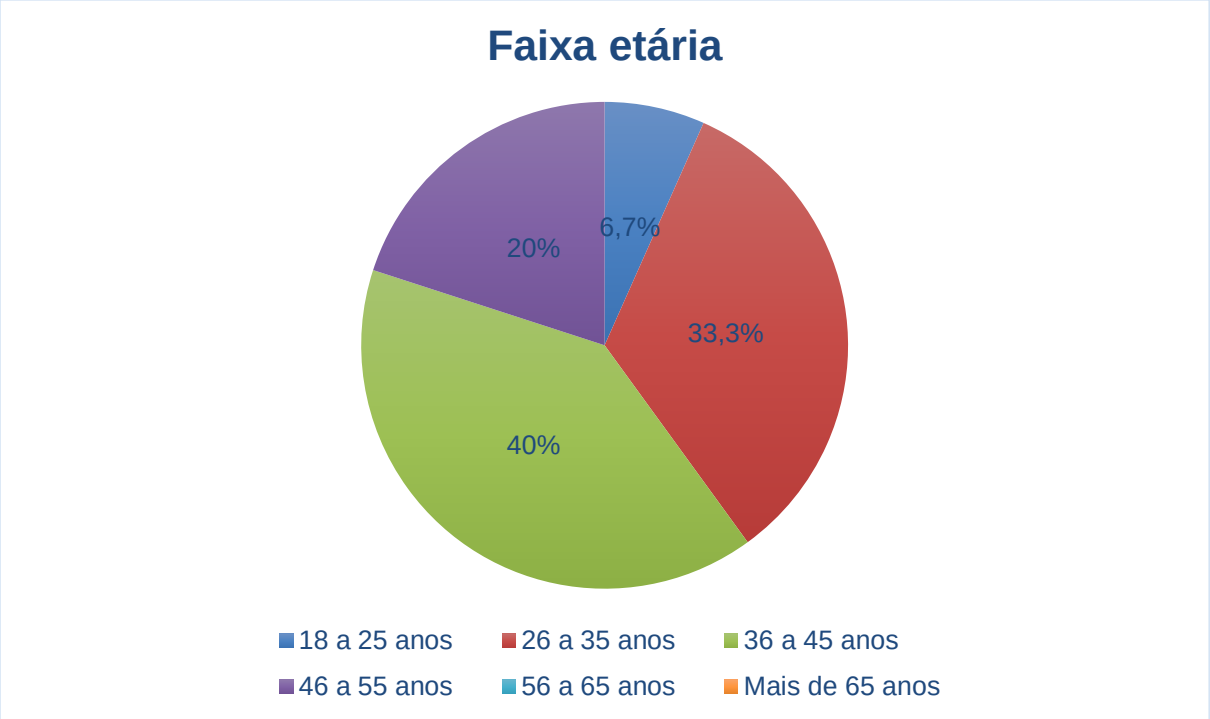
Como mencionado anteriormente, para o levantamento de dados foi aplicado um questionário para as líderes e coordenadoras do Movimento Catadoras de Mangaba de Sergipe, obtendo quinze respostas. Foi utilizado duas formas de aplicação, através do link e por ligação por telefone, pois nem todas as mulheres conseguiam acessar o link por falta de domínio informacional. Nove das integrantes responderam o questionário através do link sem apresentar dificuldades e seis delas responderam através de ligação.

O questionário está composto por onze perguntas, sendo que as primeiras três perguntas são sobre a faixa etária das integrantes, grau de instrução e quanto tempo elas fazem parte do movimento, a partir da quarta pergunta foram feitas perguntas em relação ao domínio informacional das integrantes do grupo.

Procuramos nessa seção apresentar os dados obtidos com a aplicação do questionário, nos quais esses últimos apresentam-se em gráficos, para auxiliar a interpretação das informações, seguido da descrição e análise.

Sobre a faixa etária das participantes da pesquisa, esta pergunta era de múltipla escolha onde elas poderiam escolher entre seis opções de acordo com sua faixa etária. A primeira opção era para quem tinha entre **18 a 25 anos**, a segunda entre **26 a 35 anos**, a terceira entre **36 a 45 anos**, a quarta entre **46 a 55 anos**, a quinta entre **56 a 65 anos** e a sexta para quem tinha **mais de 65 anos**.

Gráfico 1: Faixa etária

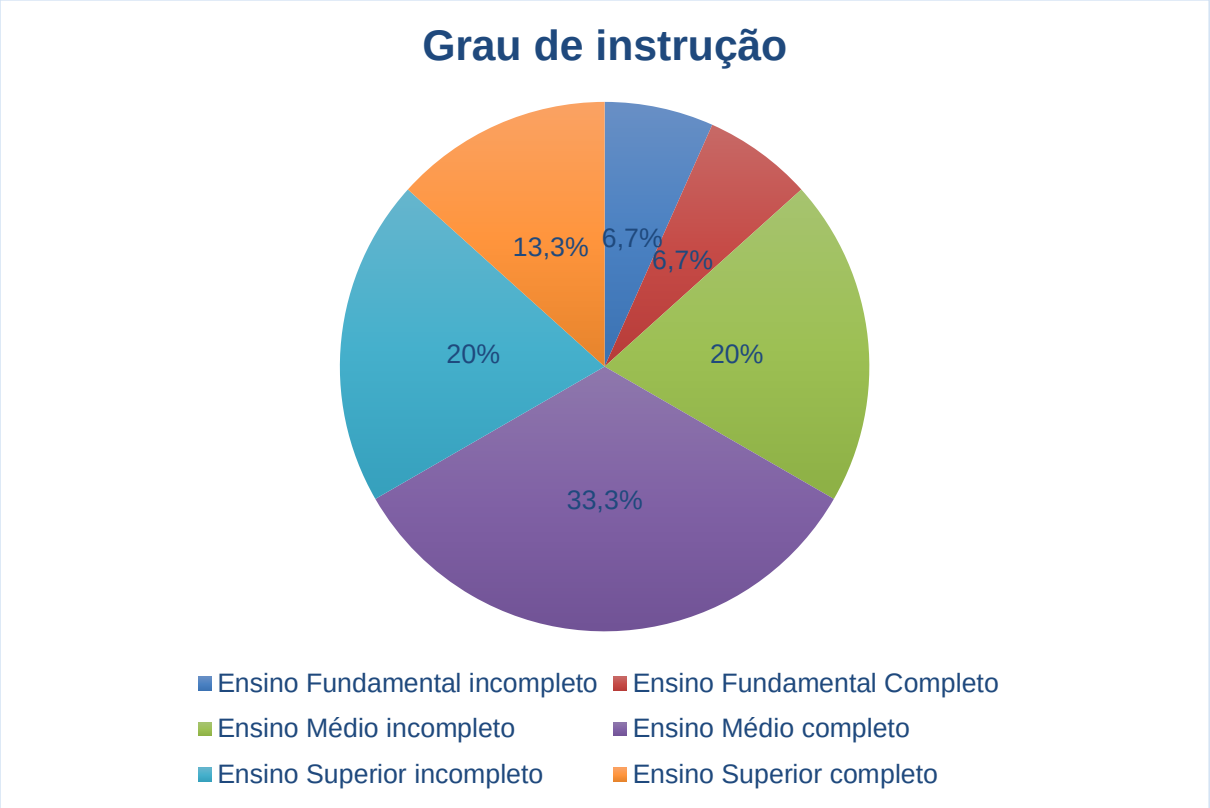


Fonte: A Autora (2021), a partir dos dados coletados na pesquisa

Com relação à faixa etária das entrevistadas 1 (um) (6,7%) das entrevistadas tem entre 18 a 25 anos, 5 (cinco) (33,3%) tem entre 26 a 35 anos, 6 (seis) (40%) tem entre 36 a 45 anos e 3 (três) (20%) tem entre 46 a 55 anos e nenhuma das entrevistadas tem mais de 55 anos. Pode ser perceber que a maioria das líderes tem menos de 46 anos, a mais nova tem menos de 26 anos.

Em relação ao grau de instrução das participantes, essa questão foi de múltipla escolha, onde as participantes poderiam marcar entre seis opções conforme o seu grau de escolaridade. A primeira opção era para as que tinham **Ensino Fundamental incompleto**, a segunda **Ensino Fundamental completo**, a terceira **Ensino Médio incompleto**, a quarta **Ensino Médio completo**, a quinta **Ensino Superior incompleto** e a sexta **Ensino Superior completo**.

Gráfico 2: Grau de instrução



Fonte: A Autora (2021), a partir dos dados coletados na pesquisa

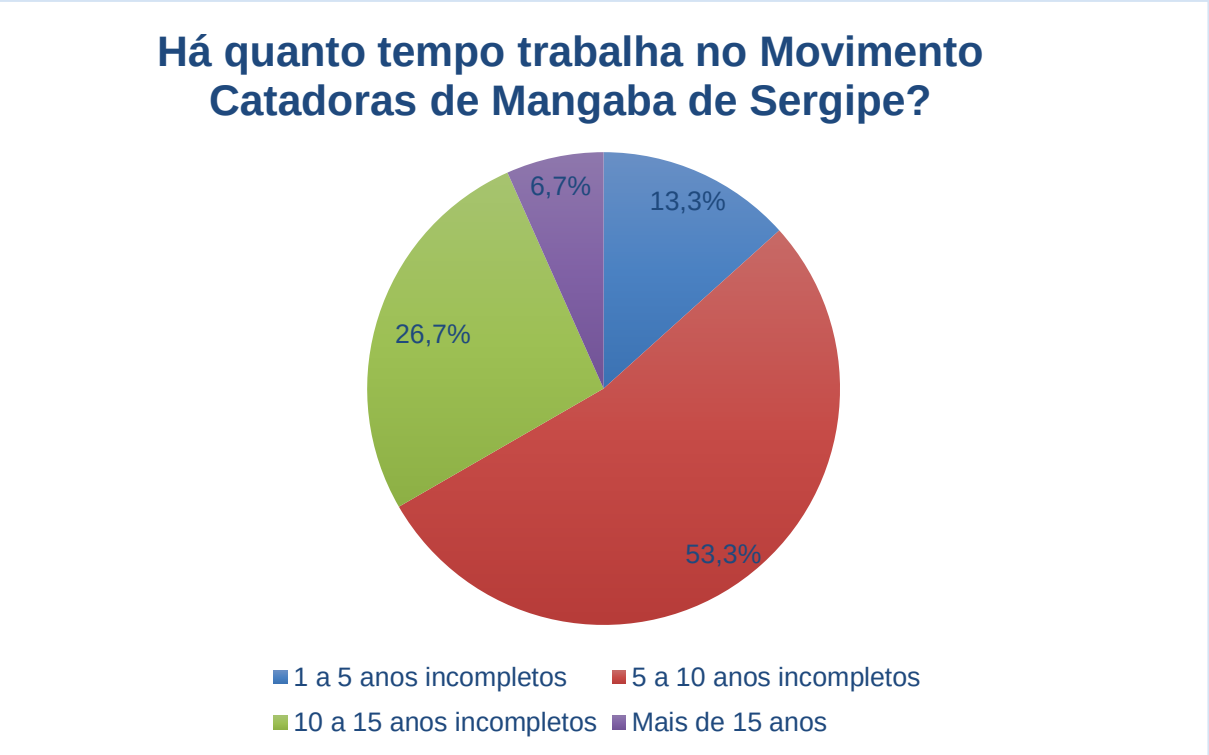
As entrevistadas responderam que 1 (uma) (6,7%) tem o Ensino Fundamental incompleto, 1 (uma) (6,7%) tem o Ensino Fundamental completo, 3 (três) (20%) tem o Ensino Médio incompleto, 5 (cinco) (33,3%) tem o Ensino Médio completo, 3 (três) (20%) tem o Ensino Superior incompleto e 2 (dois) (13,3%) tem o Ensino Superior completo. Foi percebido que a maioria das entrevistadas possui o Ensino Médio completo, porém uma das líderes não concluiu o ensino fundamental. Através dessas informações percebe-se que o grau de instrução não é um requisito para ser líder do movimento.

Sobre a quanto tempo elas trabalham no Movimento Catadoras de Mangaba de Sergipe, essa questão foi de múltipla escolha, as integrantes do grupo tinham quatro opções, elas poderiam marcar entre as opções a quantidade de tempo que faziam parte do movimento. A primeira opção era para quem tinha entre **1 a 5 anos incompletos**, a segunda entre **5 a 10 anos incompletos**, a terceira entre **10 a 15 anos incompleto** e a quarta para quem tinha **mais de 15 anos**.

As respostas obtidas foram que 2 (duas) (13,3%) das entrevistadas tem entre 1 a 5 anos incompletos no movimento, 8 (oito) (53,3%) tem entre 5 a 10 anos

incompletos, 4 (quatro) (26,7%) tem entre 10 a 15 anos incompletos e 1 (uma) (6,7%) mais de 15 anos no movimento. A maioria delas tem mais de 5 anos que faz parte do movimento, e apenas uma das entrevistas tem mais de 15 anos que faz parte do Movimento Catadoras de Mangabas de Sergipe, ou seja, está no grupo desde sua criação.

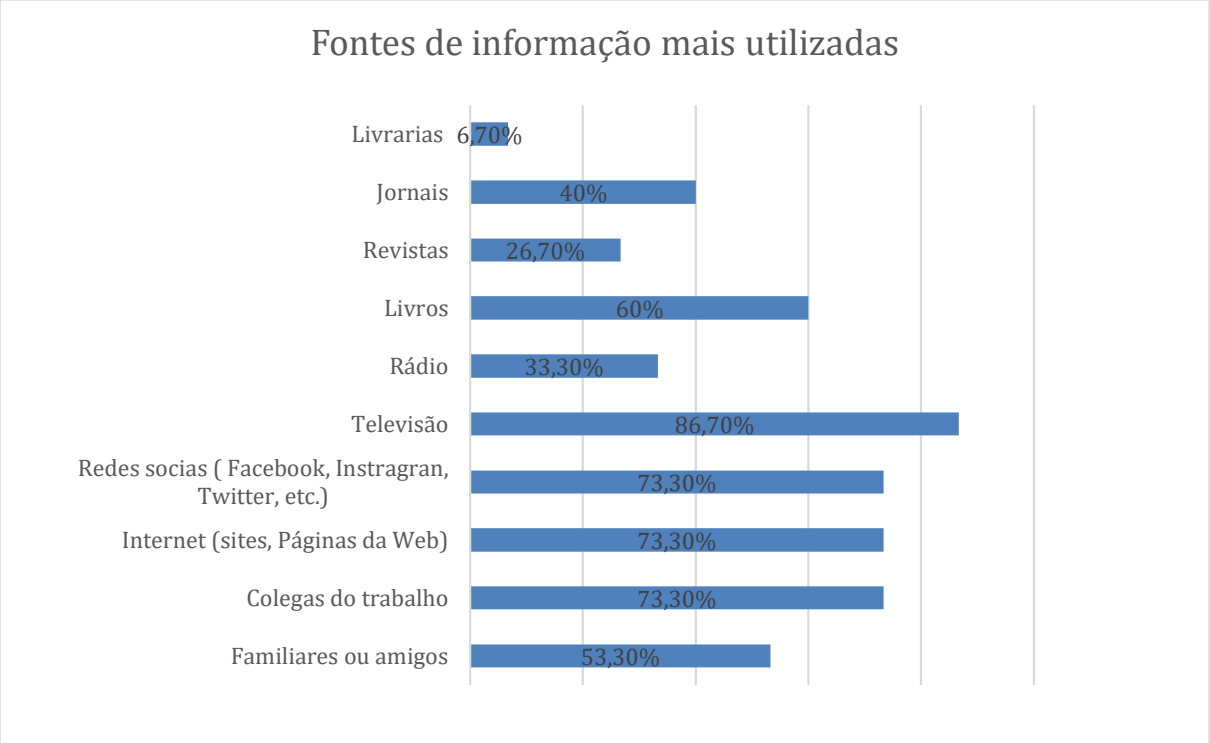
Gráfico 3: Há quanto tempo trabalha no Movimento Catadoras de Mangaba de Sergipe



Fonte: A Autora (2021), a partir dos dados coletados na pesquisa

Sobre as fontes de informação que as integrantes do grupo têm costume de busca em seu cotidiano para a busca de informação, nesta questão as participantes poderiam assinalar mais do que uma opção. Foi apresentado onze escolhas para as integrantes do grupo, sendo que elas poderiam marcar quantas fosse necessário. As opções eram **familiares ou amigos**, **colegas do trabalho**, ***internet***, **redes sociais**, **televisão**, **rádio**, **livros**, **revistas**, **jornais**, **livrarias** e **outros**.

Gráfico 4: Fontes de informação mais utilizadas



Fonte: A Autora (2021), a partir dos dados coletados na pesquisa

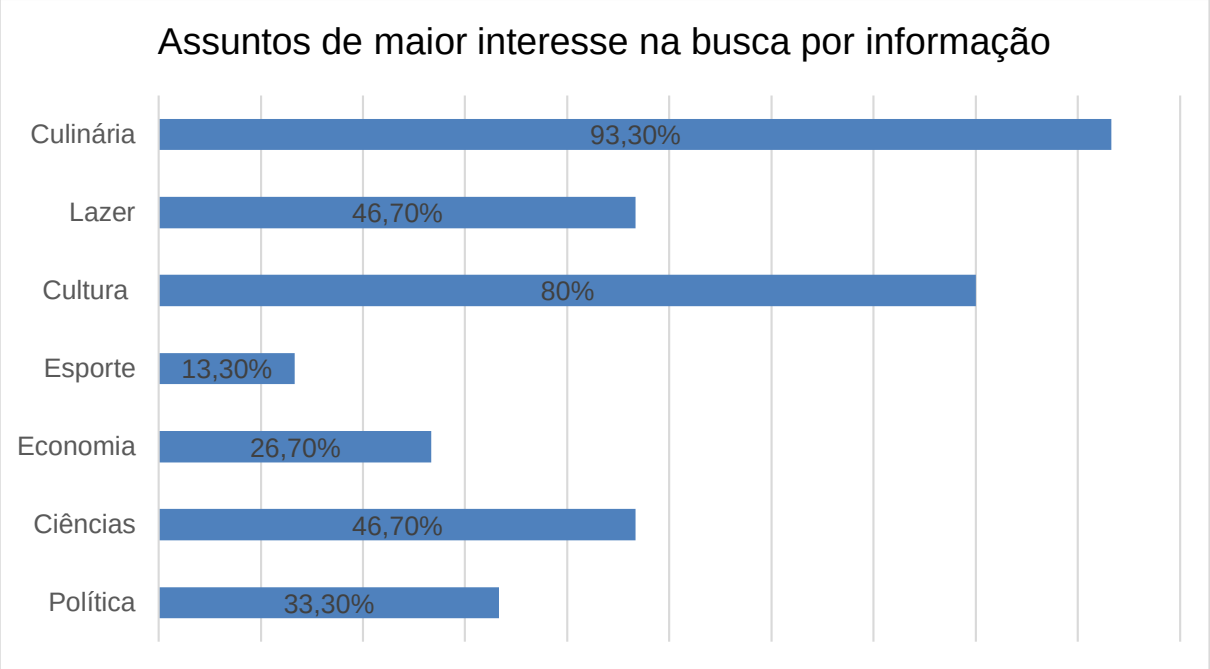
Sobre as fontes de informação mais utilizadas pelas, as entrevistadas e considerando que elas poderiam marcar mais de uma opção de resposta, a mais utilizada é a Televisão 13 (treze) (86,7%), e a segunda mais utilizada com 11 (73,3%), foram as redes sócias, *internet* e colegas do trabalho, seguindo livros, nos quais obtiveram 9 (nove) (60%). Familiares ou amigos obtiveram 8 (oito) (53,3%), já jornais foram 6 (seis) (40%), a opção rádio 5 (cinco) (33,3%), a opção revistas foi assinalada por 4 (quatro) (26,7%) e por último a alternativa livrarias foi assinalada por 1 (uma) (6,7%) das entrevistadas.

Os dados coletados podem ser comparados com a pesquisa de Rodrigues e Blattmann (2014), que relata que a *internet* e colegas do trabalho são fontes de informação mais utilizadas, as entrevistadas utilizam a televisão como principal fonte de informação, isso pode ser pelo motivo a TV ser o meio de informação mais acessível, além disso, elas utilizam as redes sociais, a *internet* e colegas de trabalhos na mesma proporção, ou seja 11 (73,3%) das entrevistadas optaram por essa resposta.

A quinta pergunta é sobre os assuntos de maior interesse na busca de informação para as integrantes do grupo, sendo que elas poderiam marcar mais do

que uma opção. Foram apresentadas sente alternativas para as mesmas essas opções eram: **política**, **ciências**, **economia**, **esporte**, **cultura**, **lazer** e **culinária**.

Gráfico 5: Assuntos de maior interesse na busca por informação

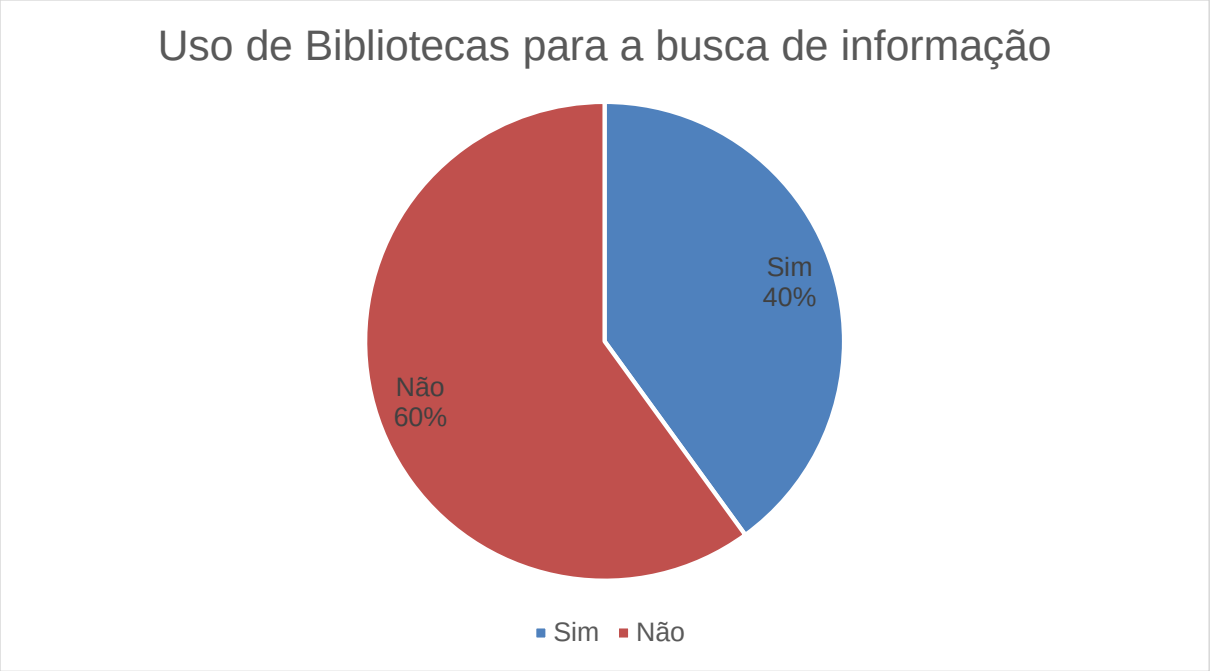


Fonte: A Autora (2021), a partir dos dados coletados na pesquisa

Em relação aos assuntos de maior interesse para as respondentes, entre as opções abordadas no questionário e considerando que elas poderiam responder mais de uma opção, o assunto de maior interesse na busca de informação foi culinária com 14 (catorze) (93,3%), logo em seguida cultura obteve 12 (80%), o terceiro assunto de maior interesse foram ciências e lazer com 7 (sete) (46,7%), já política ficou com 5 (cinco) (33,3%), logo após economia com 4 (quatro) (26,7%) e por último o assunto com menor interesse foi a opção exporte, com 2 (dois) (13,3%).

Culinária foi o assunto de maior interesse para as entrevistas, isso deve ser, pois o trabalho delas estar relacionado com o assunto, cultura é o segundo assunto que mais interessar as respondentes, a catação de mangaba também pode ser considerando algo cultura, pois é uma atividade passada de geração a geração.

Gráfico 6: Uso de Bibliotecas para a busca de informação

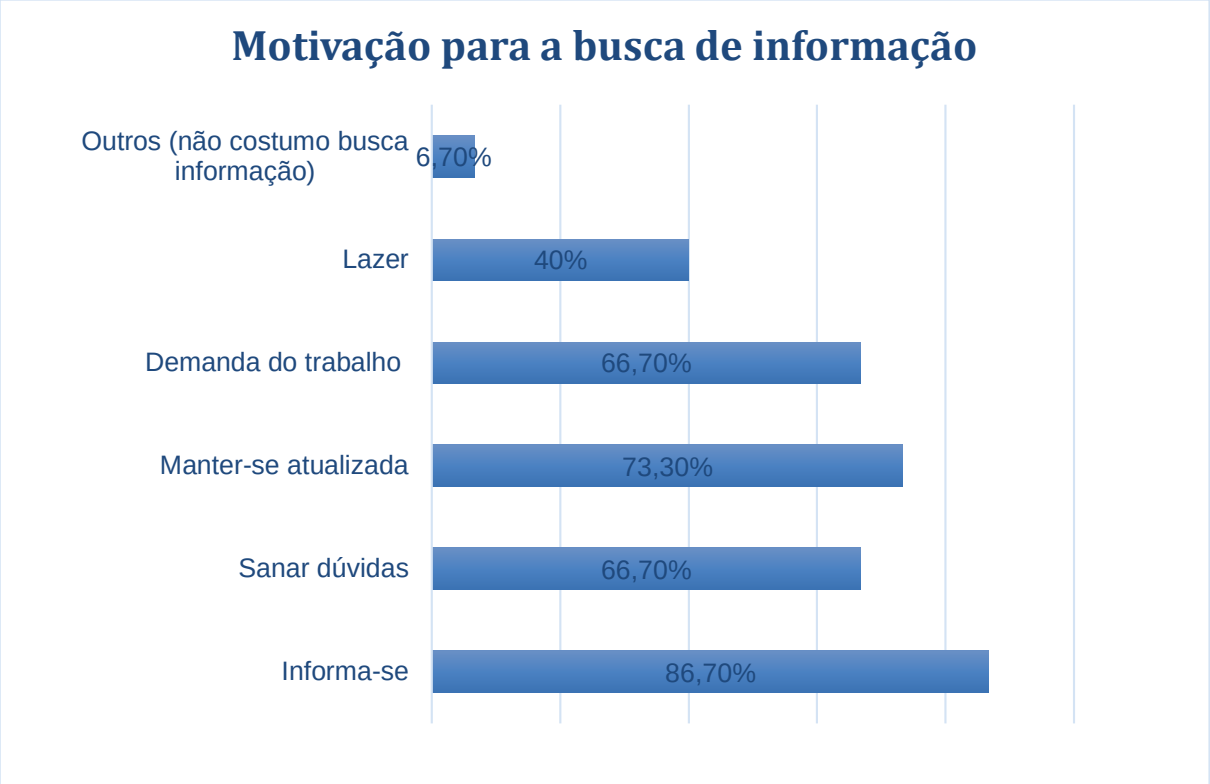


Fonte: A Autora (2021), a partir dos dados coletados na pesquisa

Referente ao uso de bibliotecas, as entrevistadas poderiam responder sim ou não, 9 (nove) (60%) delas responderam que não costuma utilizar a biblioteca, 6 (seis) (40%) responderam que sim, porém a maioria dessas mulheres não tem acesso a bibliotecas, pois vivem em localidades que não existe essa unidade de informação dificultando o acesso das mesmas. A maioria das entrevistadas não tem o costume em utiliza-las e esse fato ocorre pela dificuldade de acesso a essas unidades, além de muitas dessas mulheres nunca ter tido contato com essa unidade de informação.

Em relação para a motivação a busca de informação, sendo que as entrevistadas poderiam responder mais do que uma opção das alternativas apresentadas, que foram: **informa-se**, **sanar dúvidas**, **manter-se atualizadas**, **demanda do trabalho**, **lazer**, além dessas opções existia a alternativa **outros**, no qual a entrevistada poderia informar, qual era a sua motivação, onde uma delas informou que não tem costume de buscar informação.

Gráfico 7: Motivação para a busca de informação

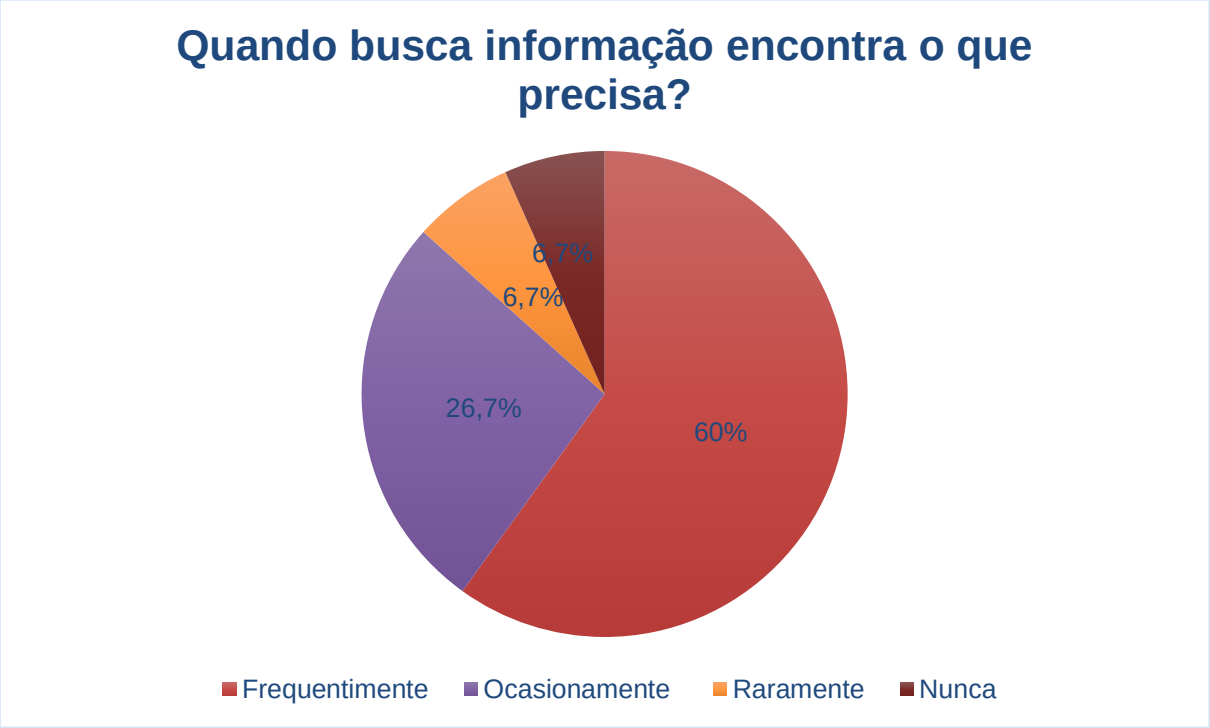


Fonte: A Autora (2021), a partir dos dados coletados na pesquisa

Ainda sobre, a motivação para a busca de informação, considerando que as entrevistadas poderiam assinalar mais do que uma opção, além de ter a opção outros onde as mesmas poderiam informar qual era a sua motivação para a busca de informação, com isso 13 (treze) (86,7%) responderam que era para informa-se, 11 (onze) (73,3%) para manter-se atualizadas, já 10 (dez) (66,7%) para sanar dúvidas e demanda do trabalho, 6 (seis) (40%) por lazer e que utilizou a opção outros 1 (uma) (6,7%) respondeu que não costuma busca informação.

Em relação ao costume de busca de informação pelas respondentes, elas tinham quatro opções onde poderiam informar se quando buscava informação, as encontravam as opções eram: **frequentemente**, **ocasionalmente**, **raramente** e **nunca**. A maioria delas, 9 (nove) (60%) responderam que frequentemente encontram o que busca, 4 (quatro) (26,7%) informaram que ocasionalmente encontram a informação que necessita, 1 (uma) (6,7%) responderam que raramente encontra e 1 (uma) (6,7%) nunca consegue encontrar a informação que busca.

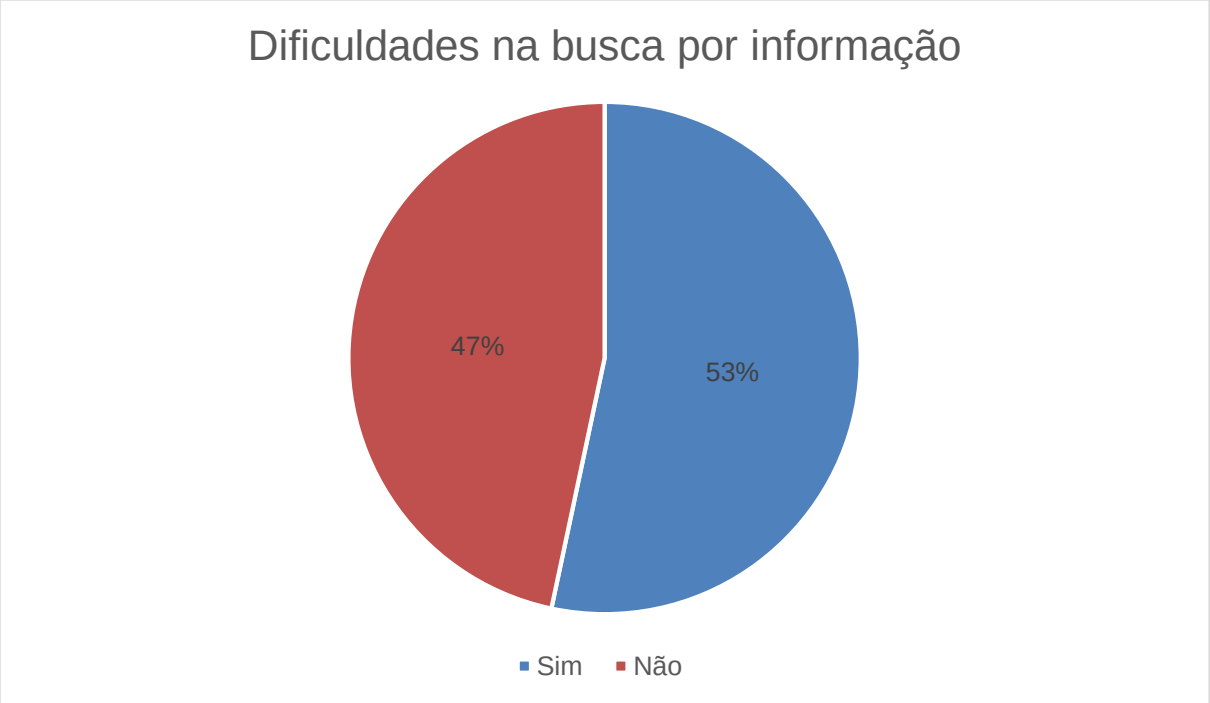
Gráfico 8: Quando busca informação encontra o que precisa?



Fonte: A Autora (2021), a partir dos dados coletados na pesquisa

Sobre se as colaboradoras encontravam dificuldades para realizar a busca de informação, elas poderiam responder entre duas alternativas que eram **sim** ou **não**. Essa questão tinha o objetivo de compreender se as integrantes do grupo encontravam dificuldades na hora da busca por conhecimento. A maioria 8 (oito) (53,3) responderam que sim e 7 (sete) (46,7%) informaram que não encontra dificuldades para buscar informações.

Gráfico 9: Dificuldades na busca por informação

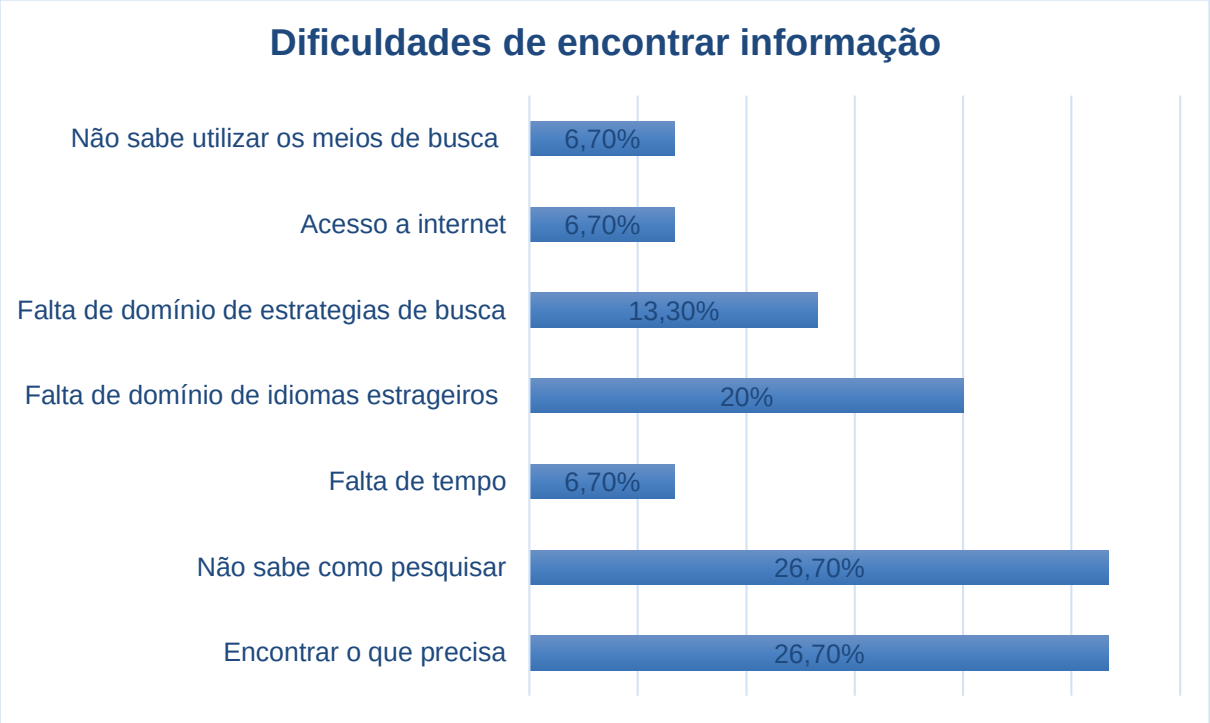


Fonte: A Autora (2021), a partir dos dados coletados na pesquisa

Ainda sobre a dificuldades de busca por informação, as entrevistadas que responderam sim, na questão seguinte poderiam informar qual seria essas dificuldades, as mesmas tinham cinco opções além da alternativa outros, onde poderiam dizer qual era sua real dificuldade. Entre as opções tinham: **encontrar o que precisa**, **não saber como pesquisar**, **falta de tempo**, **falta de domínio de idiomas estrangeiros**, **falta de domínio de estratégias de busca** e na **opção outros**: elas informaram o acesso à *internet* e não saber como utilizar os meios de busca.

Na continuidade sobre as dificuldades de busca informação, as integrantes do grupo poderiam assinalar mais de uma alternativa, sendo que 4 (quatro) (26,7%) delas encontra dificuldades em encontrar o que precisa, 4 (quatro) (26,7%)não sabe como pesquisar, apenas 1 (um) (6,7%) indicou falta de tempo, 3 (três) (20%) falta de domínio de idiomas estrangeiros, 2 (duas) (13,3%) informou falta de domínio de estratégias de busca e a opção outros foi assinalada por duas entrevistadas, 1 (uma) (6,7%) falta de acesso à *internet* e 1 (uma) (6,7%) não sabe como utilizar os meios de busca.

Gráfico 10: Dificuldades de encontrar informação



Fonte: A Autora (2021), a partir dos dados coletados na pesquisa

A última questão do questionário foi sobre quais fontes de informação eram consideradas fundamentais pelas integrantes do grupo. Essa pergunta era aberta onde as integrantes do grupo informaram que as fontes de informação fundamentais são: o **celular**, o ***google,*** a **televisão**, o **acesso à *internet***, as **redes sócias**, as **bibliotecas municipais**, **colegas de trabalho**, **sites de notícias**, o **rádio** e os **livros**. A fonte de informação mais foi mencionada foi a *internet*, que a partir dela as usuárias têrm acesso a maiorias das outras fontes, a televisão ficou em segundo como preferência, isso pode ser, pois a mesma é ainda a que tem o acesso mais facilitado, o celular é a terceira fonte mais utilizada, seguido das bibliotecas, colegas de trabalhos, rádio e por último os livros são as fontes menos utilizadas pelas entrevistadas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos de usuários da informação evoluíram com o passar das décadas, apresentando diferentes facetas e tipologias de usuários estudados. Como foi abordado ao longo da fundamentação teórica, esses estudos iniciaram na década de 30 e se desenvolveram ao longo do tempo sob influência do paradigma da Ciência da Informação que permite combinar novos métodos de coleta de dados, além de compreender como o comportamento de busca de informação pode ser estudado em qualquer unidade de informação, ambiente e / ou público, onde envolve a relação entre o (a) usuário (a) e a fonte da informação.

A busca de informação é uma atividade realizada por diferentes tipos de usuários, existindo nos mais diversos campos individuais e coletivos, em diferentes espaços e ambientes, como grupos feministas e coletivos que produzem, buscam, utilizam, avaliam e divulgam informação. Diante das cenas de restrição à liberdade das mulheres, esta é construída pela história, mas infelizmente a sociedade contemporânea ainda existe, principalmente no que se refere à igualdade de gênero e à própria justiça. As redes sociais possibilitam a transmissão de informações e a construção do conhecimento pelas mulheres fornecer, e também otimizar o fluxo de informações entre diferentes grupos sociais.

De acordo com pesquisas realizadas em bases de dados (inter)nacionais da área, na área de Ciência da Informação (CI), são poucos os estudos que abordam questões relacionadas à busca de informações por mulheres. Portanto, a forma como as mulheres buscam informações é considerada relevante, pois, ao obter informações, as mulheres podem compreender e fazer valer seus direitos, participar mais ativamente dos empreendimentos sociais, colocar-se em espaço de destaque e romper barreiras no cenário social, com a necessidade do protagonismo da mulher.

Esta pesquisa tem o objetivo geral de caracterizar a busca da informação pelas integrantes do Movimento Catadoras de Mangaba de Sergipe, e seus objetivos específicos foram identificar o perfil dessas mulheres, analisar quais as dificuldades na busca da informação e identificar as fontes de informação consideradas fundamentais para as mesmas. Para isso foi aplicado um questionário para 15 intrigantes do movimento, elas são líderes e coordenadoras do movimento.

No que se refere ao perfil, as entrevistadas apresentaram entre 18 a 65 anos e com relação a sua escolaridade a maioria tem o Ensino Médio completo e a memória o Ensino Fundamental incompleto, além disso, 33,3% das respondentes concluíram

ou está concluído o Ensino Superior, a maioria dessas mulheres fazem parte do movimento a mais de 5 anos que representa 53,3% das entrevistas. Através das respostas do questionário pode-se perceber que para ser líder do movimento não utiliza critérios como: escolaridade, tempo que está na organização ou a faixa etária.

Em relação às dificuldades da busca por informação, as intrigantes do movimento 53% das entrevistadas tem dificuldades na hora da busca por informação. As respondentes encontram dificuldades, pois não sabem como buscar ou não consegue encontrar o que precisa, além de não ter domínio de estratégias de busca e de idiomas estrangeiros, elas também encontram dificuldades devido ao acesso à *internet* ou atem mesmo a falta de tempo. Pode-se percebe o que dificulta a busca de informação pelas respondentes é a falta de domínio com os meios de busca, fazendo que elas demorem mais em suas buscas ou até mesmo não consiga encontra a informação que necessita.

No que se refere aos tipos de fontes de informação consideras fundamentais pelas respondentes, afirmaram que a televisão é a fonte de informação mais utilizada, seguindo das redes sociais, *internet* e colegas do trabalho, além de livros, familiares, jornais, rádios, revistas e livrarias. Destas informações, a televisão mostrou-se como canal de informação preferido das usuárias que é motivada principalmente pela conveniência, pois é o meio de maior facilidade de acesso, a utilização da televisão como principal meio de acesso de informação, deve-se ao motivo da localidade que as entrevistas moram, locais que dificulta o acesso a outros meios.

Então chegamos à conclusão que a realização de estudos sobre os hábitos de busca por informação das mulheres é de suma importância, pois possibilita o conhecimento pelo Bibliotecário, do perfil das usuárias, para compreender quais são as reais dificuldades em relação à busca, as fontes de informação mais utilizadas, e se as bibliotecas são utilizadas por esse grupo. Com isso, os profissionais da informação podem disponibilizar serviços que possam atender as necessidades de informação de diferentes tipologias de usuárias e usuários, desenvolver estudos de usuários com diversos grupos periodicamente, pode favorecer um melhor aproveitamento do acervo da unidade de informação, que estava disponível na região que o grupo pertence, fortalecendo os relacionamentos da equipe da unidade informações com os usuários.

Espera-se, que este trabalho possa contribuir no estudo sobre o comportamento de busca da informação por mulheres, além da contribuição para a

área de escopo *Comportamento informacional* e que suscite outras discussões sobre o tema.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. As lutas femininas por educação, igualdade e cidadania. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasilia, v. 81, n. 197, p. 5-13, jan./ abr. 2000. Disponível em: http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/1315/1054. Acesso em: 12 maio 2021.

ALVES, Washington Lair Urbano. **A história da educação no brasil**: da Descoberta à Lei de Diretrizes e Bases de 1996. 2009. Monografia (Especialização em Metodologia do Ensino Superior) - Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, Lins, 2009. Disponível em: file:///C:/Users/usuario/AppData/Local/Temp/47650-1.pdf. Acesso em: 29 jun. 2021.

ARAUJO, Carlos Alberto Ávila. Paradigma social nos estudos de usuários da informação: abordagem interacionista. **Informação e Sociedade**, João Pessoa, v. 22, n. 1, p. 145-159, jan./abr. 2012. Disponível em: file:///C:/Users/usuario/AppData/Local/Temp/9896-Texto%20do%20artigo-19586-1-10-20120617.pdf. Acesso em: 09 jan. 2021.

BAPTISTA, Sofia Galvão; CUNHA, Murilo Bastos. Estudo de usuários: visão global dos métodos de coleta de dados. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 168-184, maio/ago. 2007. Disponível em: file:///C:/Users/usuario/AppData/Local/Temp/v12n2a11-1.pdf. Acesso em: 11 jan. 2021.

BORGES, Jussara. Competências Infocomunicacionais: estrutura conceitual e indicadores de avaliação. **Informação e Sociedade**: Estudos, João Passoa, v. 28, n. 1, p. 123-140, abr. 2018. Disponível em: file:///C:/Users/usuario/AppData/Local/Temp/Compet%C3%AAncias%20infocomunicacionais%20estrutura%20conceitual%20e%20indicadores%20de%20avalia%C3%A7%C3%A3o-1.pdf. Acesso em: 29 maio 2021.

BRASIL. **Lei 13.104, de 9 de março de 2015**. Altera o art. 121 do Decreto-Lei 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/lei/L13104.htm> acesso em 26/11/2017.

BRITO, Priscilla Caroline de S. Brito. Primavera Feminista: A internet e as manifestações de mulheres em 2015 do Rio de Janeiro. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13 th Women' s Worlds Congress, 2017, Florianópolis. **Anais eletrônicos...**, Florianópolis, 2017. p. 1-11. Disponível em: file:///C:/Users/usuario/AppData/Local/Temp/1499450296_ARQUIVO_PrimaveraFeminista-ainterneteasmanifestacoesdemulheresem2015noRiodeJaneiro-FazendoGenero.pdf. Acesso em: 21 nov. 2020.

BUFREM, Leilah Santiago; NASCIMENTO, Bruna Silva do. A Questão do Gênero na Literatura em Ciência da Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 199-

214, dez. 2012. Disponível em: file:///C:/Users/usuario/AppData/Local/Temp/33285-145224-1-PB.pdf Acesso em: 18 nov. 2020.

CAETANO, Ivone Ferreira. O feminismo brasileiro: uma análise a partir das três ondas do movimento feminista e a perspectiva da interseccionalidade. **Revista do Curso de Especialização em Gênero e Direito**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 1-24, 2017. Disponível em: file:///C:/Users/usuario/AppData/Local/Temp/DesIvoneFerreiraCaetano-2.pdf. Acesso em: 24 dez. 2020.

CALVA GONZÁLEZ, Juan J. La investigación sobre las necesidades de información en comunidades de usuarios. **Investigacion bibliotecologia**, v. 37, n.18, p. 52 -, 2004. Disponível em: http://www.revistas.unam.mx/index.php/ibi/article/view/4057. Acesso em: 29 nov. 2020.

CARIBÉ, Rita de Cássia do Vale; PINTO, Alejandra Aguilar; DIOGENES, Fabiene Castelo Branco. Necessidades de informação do gênero mulher no Distrito Federal, Brasil: resultados de um survey. **Rdbci**: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, Sp, v. 13, n. 2, p. 418-438, ago. 2015. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8635039/3395. Acesso em: 24 maio 2021.

CARVALHO, Luis Osete Ribeiro. DUARTE, Francisco Ricardo. MENEZES, Afonso Henrique Novaes. SOUZA, Tito Eugênio Santos. **Metodologia científica:** teoria e aplicação na educação a distância. Petrolina-PE: Fundação Universidade Federal do Vale do São Francisco, 2019. 83 p. Disponível em: file:///C:/Users/usuario/AppData/Local/Temp/metodologia-cientifica-teoria-e-aplicacao-na-educacao-a-distancia.pdf. Acesso em: 17 dez. 2020.

CASE, Donald O. **Looking for information:** a survey of research on information seeking, needs, and behavior. 3. ed. Oxford: Elsevier, 2012. 350p.

CASTRO, Kedma Lima; CASTRO, Jetur. Lima; OLIVEIRA, Alessandra Nunes de. A moda como objeto de informação: o caso do Movimento Feminista Punk Riot Grrrl. **AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento**, v. 4, n. 1, p. 24-33, 2015. DOI: 10.5380/atoz.v4i1.41762. Acesso em: 17 out. 2020.

CATADORAS de Mangaba. 2020. Loja virtual das catadoras de mangaba. Disponível em: https://www.catadorasdemangaba-ecommerce.com. Acesso em: 02 dez. 2020.

CHOO, Chun Wei. **A organização do conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões**. São Paulo: Senac São Paulo, 2003.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini. Usuário, não! Interagente: Proposta de um novo termo para um novo tempo. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Santa Catarina, v. 19, n. 41, p. 23-40, set./dez. 2014. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2014v19n41p23/28292. Acesso em: 25 dez. 2020.

CÔRTES, Gisele Rocha; LUCIANO, Maria Cristiana Félix; DIAS, Karla Cristina Oliveira. A informação no enfrentamento à violência contra mulheres: Centro de Referência da Mulher “Ednalva Bezerra”: relato de experiência. **Biblioonline**, João Pessoa, v. 8, n. esp., p. 134-151, 2012. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/view/14199/8105. Acesso em: 23 out. 2020.

COSTA, Luciana Ferreira da; RAMALHO, Francisca Arruda. COMPORTAMENTO INFOCOMUNICACIONAL: perspectivas sobre definição, práticas e modelos de estudos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 133-158, maio/ ago. 2019. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/113884. Acesso em: 29 maio 2021.

COSTA, Marcia Cordeiro. Estudos de usuários no serviço de referência e informação da Biblioteca Pública Benedito Leite: relato de experiência vivenciada na disciplina referência no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão. **Biblios**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 32, n. 1, p. 23-30, jan./jun. 2018. Disponível em: file:///C:/Users/usuario/AppData/Local/Temp/7427-Texto%20do%20artigo-24506-1-10-20181105-2.pdf. Acesso em: 22 dez. 2020.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008. 451 p. Disponível em: file:///C:/Users/usuario/AppData/Local/Temp/LIVRO_DicionarioBibliotecaonomiaArquivologia-1.pdf. Acesso em: 23 dez. 2020.

DIAS, Maria Matilde Kronka; PIRES, Daniela. **Usos e usuários da informação**. São Carlos: Edufscar, 2004. 48 p. (Série Apontamentos). Disponível em: file:///C:/Users/usuario/AppData/Local/Temp/usos-e-usuc3a1rios-da-informac3a7c3a3o.pd. Acesso em: 22 dez. 2020.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO DE TERMINOLOGIA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. Universidade Federal do Espírito Santo. **Comportamento Informacional.** Disponível em: http://www.ccje.ufes.br/arquivologia/deltci/def.asp?cod=21. Acesso em: 30 nov. 2020.

FERREIRA, Mary; BORGES, Elinielle Pinto; BORGES, Luís Cláudio. Mercado de Trabalho e a desingualdade de gênero na profissão da(o) Bibliotecária(o). **Biblionline**, João Passoa, p. 159-167, 2010. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/biblio/article/view/9637/5227. Acesso em: 16 maio 2021.

FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto. Estudos de necessidades de informação: dos paradigmas tradicionais à abordagem Sense-Making. **ABEBD**, Porto Alegre, 1997. Disponível em: https://pt.scribd.com/doc/6747637/Estudo-de-Necessidades-de-Informacao. Acesso em: 17 mar. 2021.

FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto. Novos paradigmas e novos usuários de informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 1-10, 1995. Disponível em: file:///C:/Users/usuario/AppData/Local/Temp/660-Texto%20do%20artigo-665-1-10-20160304-1.pdf. Acesso em: 12 jan. 2021

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Aspectos especiais de estudos de usuários. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 12, p. 43-57, jul./dez. 1983. Disponível em: http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/184/184. Acesso em: 09 jan. 2021.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Estudos de usuários da informação**. Brasília: IBICT, 1994. 154 p. Disponível em: file:///C:/Users/usuario/AppData/Local/Temp/Estudos%20de%20uso%20e%20usu%C3%A1rio.pdf. Acesso em: 22 dez. 2020.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Evolução e avaliação do serviço de referência. **Revista de Biblioteconomia**, Brasília, v. 2, n. 2, p.175-198, jul./dez.1974. Disponível em: file:///C:/Users/usuario/AppData/Local/Temp/88668.pdf. Acesso em: 21 dez. 2020.

FLORES, Bárbara Nascimento; TREVIZAN, Salvador dal Pozzo. Ecofeminismo e comunidade sustentável. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 11-34, abr. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/TnSBYB7v9CFwpmQtVf8fbCM/?lang=pt. Acesso em: 31 maio 2016.

FURNIVAL, A. C. M.; ABE, V. Comportamento de busca na internet: um estudo exploratório em salas comunitárias. **Encontros Bibli**, Florianópolis, n. 25, p.156-173, 2008. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2008v13n25p156. Acesso em: 30 nov. 2020.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias; COSTA, Sely Maria de Souza. Evolução teórico-metodológica dos estudos de comportamento informacional de usuários. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 39, n. 1, p.21-32, jan. 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/ci/v39n1/v39n1a02. Acesso m: 10 jan. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p. Disponível em: file:///C:/Users/usuario/Downloads/GIL-%202002-%20Como%20Elaborar%20Projeto%20de%20Pesquisa%20(4).PDF. Acesso em: 25 nov. 2020.

JESUS, Patrícia Santos de; SANTOS, Hudson Jorge de Souza. O MOVIMENTO DAS CATADORAS DE MANGABA DE SERGIPE: entre finalidades e avanços. **Revista Geonordeste**, São Cristóvão, p. 91-109, jan./jun. 2018. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/7403. Acesso em: 31 maio 2021.

LAGO, Mara Coelho de Souza. A PSICANÁLISE NAS ONDAS DOS FEMINISMOS. In: RIAL, Carmen; PEDRO, Joana Maria; AREND, Silvia Maria Fávero (org.). **Diversidades**: dimensões de gênero e sexualidade. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2010. p. 1-428. Disponível em:

file:///C:/Users/usuario/AppData/Local/Temp/diversidades-1.pdf. Acesso em: 07 maio 2021.

LANÇA, Tamie Aline. **Estudos de usuários**. São Paulo, 2018. 142 p. Disponível em: file:///C:/Users/usuario/AppData/Local/Temp/0000833a.pdf. Acesso em: 22 dez. 2020.

LIMA, Maria Cecília de Sousa. **MUDANÇAS DE COMPORTAMENTO:** as novas tecnologias em uma biblioteca de pós-graduação em Ciências Biológicas. 2010.

MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de marketing**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. Disponível em: file:///C:/Users/usuario/AppData/Local/Temp/resumo-livro-malhotra.pdf. Acesso em 25 nov. 2020.

MARQUES, Melanie Cavalcante; Xavier, Kella Rivetria Lucena. A gênese do movimento feminista e sua trajetória no Brasil. In: VI Seminário **CETROS E MUNDO DO TRABALHO NO BRASIL:** desafios para a classe trabalhadora. 22, 23, 24 de agosto – UECE 2018, 14 p. Disponível em: file:///C:/Users/usuario/AppData/Local/Temp/425-51237-16072018-192558-3.pdf. Acesso em: 30 jun 2021.

MARTÍNEZ-SILVEIRA, M.; ODDONE, N. Necessidades e comportamento informacional: conceituação e modelos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 1, p. 118-127, maio/ago. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ci/v36n2/12.pdf. Acesso em: 03 dez. 2020.

MATOS, Gislaine Imaculada de. **Estudos de gênero e feminismos**: uma análise bibliométrica da revista estudos feministas. 2018. 70 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2018. Cap. 6. Disponível em: file:///C:/Users/usuario/AppData/Local/Temp/matos_gi_me_mar.pdf. Acesso em: 26 maio 2021.

MATTA, Rodrigo Octávio Beton. Modelo de comportamento informacional de usuários: uma abordagem teórica. In: VALENTIM, Marta (Org.). **Gestão, mediação e uso da informação.** São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Cap. 6. p. 127-142. Disponível em: http://books.scielo.org/. Acesso em: 20 dez. 2020.

MENDONÇA, Camila. **Feminismo**. 2020. Disponível em: https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/feminismo. Acesso em: 26 dez. 2020.

MONTEIRO, Kimberly Farias; GRUBBA, Leilane Serratine. A LUTA DAS MULHERES PELO ESPAÇO PÚBLICO NA PRIMEIRA ONDA DO FEMINISMO: de suffragettes às sufragistas. **Direito e Desenvolvimento**, João Passoa, v. 8, n. 2, p. 261-278, 7 dez. 2017. Disponível em: https://periodicos.unipe.br/index.php/direitoedesenvolvimento/article/view/563/441. Acesso em: 13 maio 2021.

MULLER, Luciana Kramer Pereira; MARTINS, Carlos Wellington Soares. Uma profissão feminina, mas não feminista? representatividade de gênero na gestão dos conselhos regionais de biblioteconomia no brasil. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, n. esp, p. 92-111, 2019. Disponível em: file:///C:/Users/usuario/AppData/Local/Temp/1363-4846-1-PB.pdf. Acesso em: 20 nov. 2020.

NASCIMENTO, Maria de Jesus. Informação e Cidadania: necessidade e formas de busca por parte da mulher catarinense. **Informação e Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 13, n. 2, p. 123-150, jul./dez. 2003. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/11/pdf_6b5cec4da0_0013251.pdf. Acesso em: 31 out. 2020.

NASCIMENTO, Maria de Jesus. Usuário da informação como produção científica e disciplina curricular: origem dos estudos e o ensino no Brasil. **Rdbci**: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, [S.L.], v. 8, n. 2, p. 41-71, 25 fev. 2011. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1933/2054. Acesso em: 22 dez. 2020.

PASSOS, Mariana Faustino dos. **Estudos de gênero na ciência da informação**: análises dos anais do enancib. 2019. 98 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Ciência da Informação (Pgcin), Área de Concentração Informação, Gestão e Tecnologia, Linha de Pesquisa Informação e Tecnologia. Universidade Federal de Santa Catarina (Ufsc), Florianópolis, 2019. Cap. 5. Disponível em: file:///C:/Users/usuario/AppData/Local/Temp/PCIN0195-D-1.pdf. Acesso em: 25 maio 2021.

PINTO, Céli Regina Jardim. FEMINISMO, HISTÓRIA E PODER. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível em: file:///C:/Users/usuario/AppData/Local/Temp/03-3.pdf. Acesso em: 06 maio 2021.

PRIMO, Alex. Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador. In: BRASIL, André; FALCI, Carlos Henrique; JESUS, Eduardo de; ALZAMORA, Geane (Orgs). **Cultura em fluxo: novas mediações em rede.** Belo Horizonte: Pucminas, 2004, p. 3657. Disponível em: file:///C:/Users/usuario/AppData/Local/Temp/enfoques_desfoques.pdf. Acesso em: 25 dez. 2020.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. A educação das mulheres no século XIX: o colégio de Carolina e Hércules Florence de Campinas (1863-1889). **Histedbr on-line**, v. 1, p. 1-25, 2007. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/. Acesso em: 29 jun. 2021.

RIGOLIN, Camila Carneiro Dias; HAYASHI, Carlos Roberto Massao; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. Métricas da participação fminina na ciências e Tecnologia no contexto dos INCTs: primeiras aproximações. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 143-170, mar. 2013. Disponível em:

file:///C:/Users/usuario/AppData/Local/Temp/3400-Texto%20do%20artigo-8668-1-10-20130527.pdf. Acesso em: 25 maio 2021.

RODRIGUE, Charles; BLATTMANN, Ursula. Gestão da informação e a importância do uso de fontes de informação para geração de conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 19, n. 3, p. 4-29, set. 2014. Disponível em: file:///C:/Users/usuario/AppData/Local/Temp/-4.pdf. Acesso em: 13 jun. 2021.

ROMEIRO, Nathália Lima; Silva, Franciéle Garcês da. A educação continuada e o protagonismo da mulher na Biblioteconomia: relato de experiência da oficina "mulheres na ciência da informação e biblioteconomia". **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, n. esp, p. 112-130, 2019. Disponível em: https://febab.emnuvens.com.br/rbbd/article/view/1368. Acesso em: 23 nov. 2020.

ROMEIRO, Nathália; SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. A Folksonomia das hashtags como instrumento de militância contra o assédio sexual no Facebook: avaliação da hashtag #mexeucomumamexeucomtodas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 215-232, maio/ago. 2018. Disponível em: https://febab.emnuvens.com.br/rbbd/article/view/782. Acesso em: 17 nov. 2020.

SAMPAIO, Denise Braga; LIMA, Izabel França de. O lugar de fala, e as representatividade de mulheres e LGBTQ+ na Biblioteconomia a partir das ações extensionistas e de pesquisa no Brasil. **Revista de Biblioteconomia e Ciêncais da Informação**, Campinas, v. 4, n. 1, p. 34-49, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/361/311. Acesso em: 17 maio 2021.

SANTINI, Rose Marie; TERRA, Camyla; ALMEIDA, Alda Rosana Duarte. Feminismo 2.0: a mobilização das mulheres no brasil contra o assédio sexual através das mídias sociais (#primeiroassedio). **Revista P2P e INOVAÇÃO**, v. 3, n. 1, p. 148-164, 2016. DOI: 10.21721/p2p.2016v3n1.p148-164. Acesso em: 17 out. 2020.

SANTOS, Eline Almeida; SOUZA, Rosemeri Melo e. TERRITORIALIDADE DAS CATADORAS DE MANGABA NO LITORAL SUL DE SERGIPE. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 6, n. 3, p. 629-642, fev. 2016. Disponível em: http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/507. Acesso em: 31 maio 2021.

SANTOS, Fernando Bittencourt dos. **Comportamento de busca da informação ambiental por pesquisadores da área de meio ambiente**. 2008. 100f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Marília. 2008.

SANTOS, Gabriela Pinheiro dos. **Relações de Gênero na área de Biblioteconomia**: uma análise de literatura. 2016. 56 f. Monografia (Especialização) - Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Cap. 5.

Disponível em: https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/2605. Acesso em: 20 maio 2021.

SANTOS, Patrícia Espírito; DUMONT, Lígia Maria Moreira. A busca de informação pela mulher em jornais impressos. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB, 8, 2007, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: Programa de Pós-graduação da Escola de Ciência da informação da UFBA, 2007. Disponível em: file:///C:/Users/usuario/AppData/Local/Temp/GT3--044.pdf. Acesso em: 01 nov. 2020.

SANTOS, Patrícia Espírito. Os estudos de gênero na Ciência da Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 317-332, jun. 2008. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/6389. Acesso em: 17 maio 2021.

SCHMITZ, Heribert; MOTA, Dalva Maria da; CARDOSO, Luís Fernando. Movimento das catadoras de mangaba: a conquista de uma identidade. In: III Seminário Nacional e I Seminário Internacional Movimentos Sociais Participação e Democracia 2010, Florianópolis **Anais** [...]**.** Florianópolis, 2010. Disponível em: http://www.catadorasdemangaba.com.br/publicacoes/texto-11.pdf. Acesso em: 05 set. 2012.

SIQUEIRA, Carolina Bastos de; BUSSINGUER, Elda Coelho de Azevedo. As ondas do feminismo e seu impacto no mercado de trabalho da mulher. **Revista Thesis Juris**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 145-166, jun. 2020. University Nove de Julho.Disponível em: https://periodicos.uninove.br/thesisjuris/article/view/14977/8270. Acesso em: 10 maio 2021.

SILVA, Ana Elizaberth Montenegro da. **O serviço de referência**: abordagem teórica. 2003. 48 f. Monografia (Especialização) - Curso de Biblioteconomia, Departamento de Biblioteconomia Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003. Disponível em: file:///C:/Users/usuario/AppData/Local/Temp/ServicoDeReferencia_Silva_2003-1.pdf. Acesso em: 19 dez. 2020.

SILVA, Marli Vitor da. **O comportamento informacional de advogados:** um estudo com profissionais que atuam na cidade de Marilia e região. 2010. 114 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marilia, 2010. Disponível em: file:///C:/Users/usuario/AppData/Local/Temp/silva_mv_me_mar.pdf. Acesso em: 12 jan. 2021.

SILVA, Vagner Rodolfo da. Uma mulher, a biblioteconomia e as bibliotecas Soviéticas. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, Minas Gerais, v. 2, n. 1, p. 1-14, mar. 2012. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/16939/13701. Acesso em: 17 maio 2021.

SILVEIRA, MARTÍNEZ Martha; ODDONE, Nanci. Necessidades e comportamento informacional: conceituação e modelos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 2,

p. 118-127, maio/ago. 2007. Disponível em: file:///C:/Users/usuario/AppData/Local/Temp/12-2.pdf. Acesso em: 12 jan. 2021

TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho. Enlace entre os estudos de usuários e os paradigmas da ciência da informação: de usuário a sujeitos pós-modernos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 144-173, jul./dez. 2014. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/206. Acesso em: 11 jan. 2021.

VASCONCELOS, Mayara Cintya do Nascimento; FARIAS, Gabriela Belmont de. Autoria feminina em Ciência e Tecnologia: cenário sobre a produção científica na ciência da informação. **Conci**: Convergências em Ciência da Informação, Aracaju, v. 3, n. 2, p. 5-21, ago. 2020. Disponível em: file:///C:/Users/usuario/AppData/Local/Temp/2020_art_mcnvasconcelos_gbfarias-1.pdf. Acesso em: 20 maio 2021.

WILSON, T. Human information behavior. **Informing Science**, v.3, n.2, p. 49-55, 2000. Disponível em: http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.139.4993&rep=rep1&type=pdf. Acesso em: 02 dez. 2020.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

Prezada,

O questionário a seguir foi elaborado como instrumento de pesquisa para um trabalho de conclusão de curso e gostaria de contar com sua participação. É importante ressaltar que seus dados são sigilosos e não serão divulgados. O propósito da pesquisa é caracterizar a busca da informação pelo Movimento Catadoras de Mangaba de Sergipe e os dados obtidos darão subsídios para a conclusão do curso de Biblioteconomia e Documentação da UFS.

1) Faixa etária

( ) 18 a 25 anos
( ) 26 a 35 anos
( ) 36 a 45 anos
( ) 46 a 55 anos
( ) 56 a 65 anos
( ) Mais de 65 anos

2) Qual é seu maior grau de instrução?

( ) Ensino Fundamental incompleto
( ) Ensino Fundamental completo
( ) Ensino Médio incompleto
( ) Ensino Médio Completo
( ) Ensino Superior incompleto
( ) Ensino Superior completo

3) Há quanto tempo trabalha no Movimento Catadoras de Mangaba de Sergipe?

( ) De 1 a 5 anos incompletos
( ) De 5 a 10 anos incompletos
( ) de 10 a 15 anos incompletos
( ) Mais de 15 anos

4) Selecione as fontes de informação que você costuma utilizar no seu cotidiano para buscar informação?

( ) Familiares ou amigos
( ) Colegas do trabalho
( ) Internet (sites/página da *web*)
( ) Redes sociais (*Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, etc...)
( ) Televisão
( ) Rádio
( ) Livros
( ) Revistas
( ) Jornais
( ) Livrarias
()Outras
fontes:_____

5) Selecione os assuntos de maior interesse na busca por informação:

( ) Política ( ) Esporte ( ) Culinária
( ) Ciência ( ) Cultura ( ) Outros _____
( ) Economia ( ) Lazer

6) Você costuma utilizar a biblioteca para buscar uma informação que necessita?
( ) Sim
( ) Não

7) **Qual(ais) motivação(ões) levam-no a busca por informação?**

( ) Informar-se
( ) Sanar dúvidas
( ) Manter-se atualizada
( ) Demanda do trabalho
( ) Lazer
Outros:
_____

8) Quando você busca informação no seu cotidiano, você costuma encontrar o que precisa?
( ) frequentemente
( ) ocasionalmente
( ) raramente
( ) nunca

9) Você encontra dificuldades na realização de busca por informação?
( ) Sim
( ) Não

10) Caso a resposta da pergunta anterior seja **sim**, escreva qual (is) é (são) essa (s) dificuldade (s)?

( ) encontrar o que precisa
( ) não saber como pesquisar
( ) falta de tempo
( ) falta de domínio de idiomas estrangeiros
( ) falta de domínio de estratégias de busca
( ) Outro (s):_____

11) Qual (is) fontes de informação você considera fundamental (is) no seu cotidiano?

_____

OBRIGADA PELA COLABORAÇÃO!